



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio Mesquita Filho”

Campus de Ourinhos

Curso de Geografia

**OS POVOS INDÍGENAS DA MATA ATLÂNTICA E PROPOSTAS PARA O
ENSINO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**



GIOVANNA CAROLINA FABIANO

OURINHOS – SP

2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio Mesquita Filho”

Campus de Ourinhos

Curso de Geografia

**OS POVOS INDÍGENAS DA MATA ATLÂNTICA E PROPOSTAS PARA O
ENSINO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

GIOVANNA CAROLINA FABIANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca examinadora para obtenção do título
de Bacharel em Geografia pela Unesp –
Campus de Ourinhos.

Orientadora:

Luciene Cristina Risso

OURINHOS – SP

2019

F118p

Fabiano, Giovanna Carolina

Os povos indígenas da Mata Atlântica e propostas
para o ensino de Educação Ambiental / Giovanna
Carolina Fabiano. -- Ourinhos, 2019
72 f. : il., tabs., mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Câmpus Experimental de Ourinhos, Ourinhos
Orientadora: Luciene Cristina Risso

1. povos indígenas. 2. ensino. 3. mata atlântica. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Câmpus Experimental de Ourinhos. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BANCA EXAMINADORA

Luciene Cristina Risso (Orientadora)

Fabiana Lopes da Cunha

Márcia Cristina de Oliveira Mello

DEDICATÓRIA

A Leonardo, meu filho que me motivou tanto sem nem perceber, que veio de forma nada sutil e se apresentou um pequeno grande companheiro desde a barriga, se provando um entusiasta do método empírico quando se mexeu fortemente em meu ventre e senti seus movimentos pela primeira vez em meio a um trabalho de campo.

A todos os indígenas não devidamente reconhecidos deste Brasil que lutam diariamente para existir e continuar existindo.

Em especial, agradeço a todos os indígenas que já me receberam em suas terras, em suas aldeias, em suas escolas e que tanto me ensinaram em vivência. Que partilharam suas lutas, suas histórias e experiências e que tanto me inspiraram ao me mostrar a verdadeira beleza da relação do ser humano com a natureza. Assim como também me ensinaram que a tecnologia agrega.

Por fim, dedico também a minhas professoras, tais quais considero como minhas mestras. Professora Luciana Cordeiro, do Ensino Médio que mostrou a uma menina sem perspectiva não somente uma nova Geografia, mas um novo mundo: a universidade. E a professora Luciene Cristina Risso que desde meu 2º ano da graduação se tornou a pessoa com quem eu queria não somente estudar, mas trabalhar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meus pais, pois jamais teria chego aqui sem vocês que desde o início dentre tantas incertezas e dificuldades me proporcionaram todo o suporte. Meu primeiro privilégio nesta vida foi ter vocês e meus irmãos que me concederam horas de conversa pelo telefone, onde talvez nem imaginem, mas me ajudaram muito entre outros tantos apoios e sacrifícios.

Agradeço ao meu companheiro, Mike, onde não somente me apoiou, mas colaborou comigo diversas vezes das mais diferentes maneiras e que tanto me ensinou quando disse que estava aprendendo comigo. Aprendemos muito juntos e um com o outro. Sou muito grata por todo o carinho, suporte e por toda a compreensão.

Não tenho como não agradecer a minha avó Maria que entre toda sua simplicidade sempre me deu muita força, sendo a única avó que conheço no mundo dos vivos, nunca, nem por um momento deixou a desejar, que mesmo sendo de uma época tão diferente da minha, lidou comigo com muito amor, sempre esperando o melhor de mim, assim como meus tios e tias que o que puderam fazer para ajudar, fizeram sem pensar. Todos ressignificaram “distância” para mim, mostrando que distância física pouco significa quando realmente queremos estar próximos e quando se há carinho e dedicação.

Agradeço também ao professor Edson Piroli que desde o início da minha graduação me auxiliou tanto, me conferiu muitas conversas e passou de professor a amigo, que eu considero tanto. Estendo minhas gratificações também a todos os funcionários da Unesp Ourinhos que fazem tudo funcionar diariamente, mas em especial a Larissa, Edivaldo, Rodrigo, Cleiton, Angela e ao Júlio, exemplos de pessoas que fazem o trabalho com o coração, sem medir esforços, indo muito além daquilo que são suas funções reais. Não tem como pensar na minha graduação sem lembrar com muito carinho naqueles que fazem a Unesp Ourinhos funcionar.

Preciso agradecer a aldeia Tenondé Porã que no Ensino Médio me recebeu em uma visita com a professora de Geografia, Luciana Cordeiro e já começou a despertar em mim toda uma paixão e um respeito, sendo esta minha primeira experiência em terra indígena.

Obrigada Terra Indígena Jaraguá, que recebeu a Unesp Ourinhos de um trabalho de campo em 2017 com a professora Carla e a professora Luciene e compartilharam tanto conosco, dando a nossa viagem um toque crítico social e cultural muito forte.

E muito obrigada Tekohá Y'hovy que acolheu a turma da disciplina de trabalho de campo com o professor Marcelo da Unesp Ourinhos em uma visita breve, mas de grandes ensinamentos e que jamais serei capaz de esquecer uma experiência tão rica não somente para minha graduação, mas para meu ser.

Meus mais profundo agradecimento são da Terra Indígena Araribá e todas suas aldeias que recebeu não somente a mim, mas a toda Unesp Ourinhos em trabalho de campo na disciplina de Antropologia com a professora Cristiane, onde tive o imenso privilégio de estender minha vivência em um projeto riquíssimo com a aldeia Tereguá em 2018, juntamente com a professora Luciene, professor Piroli e meus colegas Edmilson e Eduardo (Dundum) que preencheu em meu espírito não somente de esperança, mas me deu uma perspectiva de vida diferente.

E por fim, gostaria de agradecer a minha orientadora, professora Luciene, que não somente me orientou no Trabalho de Conclusão de Curso, mas me orienta na vida e se tornou o que eu considero uma grande amiga, uma pessoa de muita luz e sensibilidade que sempre me encantou, me ensinou e ensina muito, sendo uma inspiração com toda sua paciência para ensinar e tão compreensiva.

Obrigada a todos vocês.



O verdadeiro pai Ñamandú, o primeiro,
Havendo conhecido em si mesmo
O que há de ser o leito de sua própria terra,
Da sabedoria contida em seu próprio ser celeste;
Em virtude de sua sabedoria que se abre em flor,
Disse que na base de seu bastão (ritual),
Foi engendrando-se a terra.
Disse que se despregara,
No centro da terra que havia de ser,
Uma palmeira verde azul e outra na morada de Karaí
E outra na morada de Tupã,
E outra eu na origem dos ventos bons,
Nas origens do tempo/espço primeiro;
Disse que abriu como flor a palmeira verde azul

Poema de cacique Guarani que explica a criação do universo em sua visão, registrado no livro de Léon Cadogan: Ayyu rapyta. Textos míticos de los Mbya Guarani del Guairá

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal levantar o conhecimento do público-alvo acerca da temática dos povos indígenas da mata atlântica e sugestão de temas para o ensino. Outro objetivo específico foi a elaboração do *blog* “Cantinho da Visibilidade Indígena” visando difundir as questões indígenas, de fontes, inclusive dos próprios indígenas, uma vez que atualmente, os mesmos utilizam meios midiáticos para se auto divulgarem (suas lutas, sua cultura, origens etc.) devido à expansão tecnológica, além das sugestões advindas do questionário.

A metodologia esteve baseada em revisão bibliográfica e aplicação de questionário online, cujo público-alvo foram estudantes universitários, professores da rede de ensino e público em geral, divulgado em redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp).

A maioria dos entrevistados estão em ensino universitário e disseram conhecer a relação entre povos indígenas e florestas e sabem que existem povos indígenas no Estado de São Paulo. 90,6% disseram que tem curiosidade em aprender mais sobre os povos indígenas e gostariam de saber mais temas como localização, distribuição geográfica, condições sociais, educação, técnicas, culinária, concepções de mundo, a história, línguas, artesanato, cotidiano, influência em nossa cultura.

Espera-se que divulgando tais informações em um espaço livre na internet, em uma linguagem acessível para diversas idades, o processo de compreensão entre as sociedades seja mais facilitado e com o tempo cresça reconhecendo a voz dos povos através também da tecnologia. Por fim, acredita-se que o ensino de educação ambiental associado a assuntos sociais seja privilegiado com tal proposta, pois reunir informações em um local livre pode facilitar a explanação sobre determinadas indígenas.

Palavras-chave: povos indígenas, ensino, mata atlântica.

ABSTRACT

The main objective of this study was to raise the knowledge of the target audience about the theme of the indigenous peoples of the Atlantic forest and suggest topics for teaching. Another specific objective was the creation of the blog "Cantinho da Visibilidade Indígena" (Indigenous Visibility Corner), aimed at disseminating indigenous issues, from indigenous sources, since they currently use media to disseminate themselves (their struggles, their culture, origins etc.) due to the technological expansion, besides the suggestions coming from the questionnaire.

The methodology was based on a bibliographical review and application of an online questionnaire, whose target audience were university students, teachers of the educational network and general public, published in social networks (Facebook, Instagram, WhatsApp).

Most interviewees are in university education and they said they know the relationship between indigenous peoples and forests and know that there are indigenous peoples in the State of São Paulo. 90.6% said they are curious to learn more about indigenous peoples and would like to know more topics such as location, geographic distribution, social conditions, education, techniques, culinary, world conceptions, history, languages, crafts, daily life, influence in our culture.

It is expected that by disseminating such information in a free space on the internet in a language accessible to diverse ages, the process of understanding between societies will be easier and over time will grow recognizing the voice of the people through technology as well. Finally, it is believed that the education of environmental education associated with social issues is privileged with such a proposal, because gathering information in a free place can facilitate the explanation about certain indigenous people.

Key words: indigenous peoples, teaching, Atlantic forest.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Mapa das Terras Indígenas no Brasil.	20
Figura 2: Biomas brasileiros	26
Figura 3: Formações vegetais do Brasil	28
Figura 4: Remanescentes de biomas brasileiros.....	30
Figura 5: Perda da vegetação da mata atlântica	31
Figura 6: Focos de queimadas nos biomas brasileiros (24h – 27/05/2019)	35
Figura 7: Focos de queimadas nos biomas brasileiros (24h – 30/06/2019)	36
Figura 8: Fonte: Principais requerentes de processos minerários.....	38
Figura 9: Principais substâncias requeridas	39
Figura 10: Gênero dos entrevistados	48
Figura 11: Faixa etária dos entrevistados.....	49
Figura 12: Nível de escolaridade dos entrevistados.....	50
Figura 13: Conhecimento da relação entre povos nativos e mata atlântica	50
Figura 14: Conhecimento dos povos indígenas do Estado de São Paulo	51
Figura 15: Curiosidade sobre a aprendizagem sobre os povos indígenas.....	51
Figura 16: Captura de tela para prévia do <i>blog</i>	54

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: As 5 famílias mais importantes em termos quantitativos utilizados pelos Guarani	34
Tabela 2: Povos indígenas da Mata Atlântica	44
Tabela 3: quantidade de processos administrativos para reconhecimento de terras indígenas	47

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. Introdução e Justificativa	16
2. Objetivos	22
2.1. Objetivo Geral	22
2.2. Objetivos Específicos.....	22
3. Material e métodos	23
3.1. Mata Atlântica	25
3.2. Povos Indígenas da Mata Atlântica.....	33
3.3. Modalidades de Terras Indígenas	46
4. A proposta para o ensino através do <i>blog</i> “Cantinho da Visibilidade Nativa”	53
5. Conclusão	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
APÊNDICES.....	61

APRESENTAÇÃO

O tema mata atlântica para mim sempre foi muito pessoal. Como nasci em uma pequena cidade chamada São Miguel Arcanjo, interior de São Paulo, onde desde que me conheço por gente frequentei a chamada então “reserva”, atualmente Parque Estadual Carlos Botelho que representa uma porção em preservação de Mata Atlântica. Desde as idas para a praia, quanto as vezes que íamos (eu e minha família). Sempre tive uma relação topofílica com o bioma antes mesmo de eu entender o que era.

Ao longo da minha vida sempre tive grande afinidade com as áreas que abrangem a sociologia, filosofia, geografia, história disciplinas que envolvem cultura e povos. Na conclusão do meu ensino médio em São Paulo, tive a oportunidade de fazer minha primeira visita a uma terra indígena, em Parelheiros na grande São Paulo com a turma da escola, onde comecei, através do aprendizado, a conhecer os povos indígenas do Brasil na aldeia Tenondé Porã. Uma experiência tão rica, onde pude conhecer uma escola tão diferente da que eu frequentava e poder ir além daquilo que eu via na TV e nos livros didáticos, desconstruir, mesmo que pouco (visita de horas) o estereótipo do indígena no Brasil.

A partir disso, me tornei uma pessoa mais sensível as causas indígenas, algo que me levou durante a graduação explorar não somente mais o tema, mas enxergar a relação entre aquilo que sempre me deu um sentimento de *topofilia*, um apego a um lugar onde sempre tive um olhar muito simples, mas onde também pude aprender a importância do lugar, através da teoria e da experiência empírica.

As minhas visitas ao P.E. Carlos Botelho a partir de então, passaram a ter um olhar diferente, onde eu conseguia relacionar o solo ao topo das árvores, a fauna e a flora, mas e as pessoas? É difícil relacionar a mata, a floresta a pessoas. Não é uma ligação que aprendemos ao longo da vida, em casa ou na escola. Então esse foi o processo seguinte, enxergar as relações da natureza com o ser humano, com foco ao indígena, pois é este que ainda baseia sua vida na mata. Na Terra Indígena do Jaraguá, consegui ter uma dimensão do quanto é sofrido ter o que um dia foi seu, sobreposto a uma unidade de conservação proibindo o uso para subsistência daquele território. Logo ali, uma terra indígena

que sofre tanto por já estar em meio urbano, em um território que não é suficiente para a quantia de famílias, sem saneamento básico adequado, onde se viram por conta como dá.

Na aldeia Tekohá Y'hovy consegui ter uma experiência mais energética, onde além dos muitos retratos de como é ser indígena em uma área de fronteira internacional feita pelo não-índio, tive a experiência de participar de uma noite festiva, com música, dança e um pouco de contato mais sagrado. Uma visita que de poucas horas, mas que me tocou muito, do início, onde pude ouvir relatos da luta de ser indígena no Brasil e na região fronteira com o Paraguai e até o final, onde pude conversar e participar das festividades com pessoas de tão bom coração e que apesar de todo o mal feito pelos não-indígenas, confiaram a nós da turma do trabalho de campo, mesmo sem necessidade alguma.

A Terra Indígena Araribá é onde minha experiência prevalece, onde tive a convivência através de um projeto da faculdade e pude criar um vínculo tão importante, podendo colaborar ao mesmo tempo que aprendi muito, pois a minha primeira visita foi em um trabalho de campo de dois dias, nos mostrando uma terra indígena cercada de fazendas que já se sobrepuseram em diversos pontos a terra indígena e ainda sofrem com o solo doente deixado pelo agronegócio brasileiro. Assim como também nos mostraram diferentes áreas degradadas sendo recuperadas com sucesso, além de dividir diversas experiências e algumas tradições conosco, abrindo para nós um espaço tão rico em diálogo.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso é a união de um sentimento muito forte de pertencimento, de amor a um lugar com uma causa que admiro muito: os indígenas. Tão prejudicados ao longo da história da colonização da América e que atualmente ainda lutam diariamente para existir.

Eu tomo como foco a mata atlântica, o bioma qual eu nasci, tão rico, o primeiro bioma brasileiro a ser devastado. Minha grande sorte foi nascer próximo a uma região bem preservada e pleno século XXI, o corredor ecológico do atlântico (Contínuo de Paranapiacaba) com tanta diversidade biológica, onde fui desde criança e sou privilegiada por poder contemplar tamanha grandiosidade da natureza, onde nossas chuvas na região devem muito a área preservada, onde desde sempre me reserva muitas memórias. Um lugar que sempre me ensina muito, pois o processo de aprendizagem nesta terra, nunca acaba.

1. Introdução e Justificativa

No decorrer do processo histórico brasileiro, as populações indígenas foram sendo subjugadas e mortas e infelizmente, até hoje, mesmo após tantas lutas e conquista de direitos, encontram-se muito ameaçadas pelo processo de globalização e agronegócio.

Risso (2005) em sua tese de Doutorado na região amazônica afirma que esta vulnerabilidade social se deve à ambição pelos recursos naturais da região (madeiras, minérios, biodiversidade), e para conversão de solos para a agricultura de soja e pecuária. Do ponto de vista ambiental, a região experimenta altos níveis de desmatamento que comprometem a região.

O movimento social indígena em sua luta pela terra para garantia de sobrevivência, resultou na evolução de direitos através da Constituição Federal de 1988, através do artigo 231 e 232.

O artigo 231 diz que são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens, e são terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente das terras utilizadas para suas atividades produtivas, imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem estar e as necessidades a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

No artigo 232, os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Mesmo diante dessas conquistas, atualmente (2019), na gestão do atual presidente, nota-se o descaso com a questão indígena e com o meio ambiente, ocasionando uma atmosfera de preocupação com o aumento do número de conflitos perante as invasões em terras indígenas e de manifestações para manter seus direitos conquistados. O primeiro impacto na vida social indígena pelo descaso do estado é a saúde, a mesma que ocasionou a morte e colaborou no massacre no início da colonização, algo que ainda persiste é no erro da sociedade não-indígena em não se responsabilizar. A partir do âmbito da saúde, que envolve não somente atendimento médico em áreas remotas, mas significa

principalmente para terras indígenas próximas a áreas urbanas e rurais, um montante de poluição e contaminação de redes e bacias hidrográficas, solos e até mesmo plantações (este último é, em especial quando há uso de agrotóxicos a áreas próximas de plantio indígena).

A questão da terra é importante porque para os povos indígenas, bem como outros povos que dependem da natureza para sobreviver, as florestas são essenciais para sua cultura e sobrevivência. Além disso, os povos indígenas contribuem para a conservação da biodiversidade brasileira.

Dentro das relações biológicas entre indígenas e vegetação há uma grande vantagem, pois os indígenas colaboram na dispersão de espécies e na preservação da biodiversidade, uma vez que seu estilo de vida em sua forma mais natural, há semidomesticalização de espécies, ou seja, se carrega diferentes espécies por conta da variedade de usos mas existe o intercâmbio entre aldeias, onde se transporta/envia/se leva de um lugar a outro, muitas vezes espécies pouco dispersas por conta de suas especificidades e ajuda no espalhamento, colaborando na diversidade biológica.

Posey (1987 apud Risso, 2015) diagnosticou em sua experiência com os Kaiapós na região amazônica, inúmeras espécies domesticadas e semidomesticadas utilizadas e afirmou, de forma inédita, que “muitas variedades tradicionalmente usadas por diferentes grupos familiares foram levadas para onde seus membros se dispersaram”.

Para Escobar (1999 apud Risso, 2015) a diversidade genética e a cultural estão relacionadas. Para ele:

[...] la “biodiversidad” trasciende ampliamente el terreno científico. Es también un ejemplo de coproducción tecnológica, científica y social. Podemos concebir la biodiversidad como potenciadora de una red transnacional que abarca diversos ámbitos en términos de actores, prácticas, culturas e intereses. La identidad de cada uno de los actores afecta la red y es afectada por ella. (Escobar, 1999, p.16 apud Risso, 2015).

Assim, esse trabalho de conclusão de curso, é voltado para o reconhecimento indígena, mais especificamente a integração indígena na tecnologia do restante da sociedade. Atualmente há um preconceito quanto ao indígena que se integra tecnologicamente, como se fosse deixar de ser indígenas através do uso de celulares, computadores e até frequentar centros urbanos e escolas e universidades, meios comuns ao restante da sociedade.

Essa ideia advém de uma elite que tende a controlar fontes de informações para se aproveitar das classes dominadas. Com isso, a maioria da sociedade, composta com classe média a baixa, além de não ter contato com a informação real de forma adequada, segue reproduzindo os mesmos tabus, preconceitos sem conhecer a sua própria história, sua raiz e do lugar/espço onde vive, assim como seus iguais.

Schwarcs (1998) nos liga a um passado recente na história do país, explicando diretamente a construção do estereótipo indígena que prevalece ainda nos dias atuais, não tirando seu lugar de vítima, mas tornando-o selvagem. Isso colabora na construção da imagem do Imperador então recém-chegado, onde exalta-se o índio, mas torna-o submisso ao governo da época. Existe ainda o fato de que Dom Pedro II, utilizava-se das ciências, de diferentes áreas, colaborando inclusive para que houvesse documentações culturais indígenas através do estudo antropológico associado a outras áreas.

O próprio imperador, inspirado por essa voga, além de propor a criação de gramáticas e dicionários, começa a estudar o tupi e o guarani, que lhe seriam úteis durante os litígios com o Paraguai, na década de 60, e mesmo para que ganhasse uma espécie de liderança do movimento romântico.¹⁶ Cunhava-se então a representação do sábio mecenas. Era d. Pedro II quem patrocinava, particularmente, projetos de pesquisa de documentos relevantes à história do Brasil, no país e no estrangeiro. Ele também se interessou pelas pesquisas de etnografia e linguística americana. Ajudou, de diferentes maneiras, o trabalho de cientistas como Martius, as pesquisas de Lund, de Gorceix, dos naturalistas Couty, Goeldi e Agassiz, dos geólogos O. Derby, Charles Frederick Hartt, do botânico Glaziov, do cartógrafo Seybold, além de vários outros naturalistas que estiveram no país. D. Pedro financiou ainda profissionais de áreas diversas, como advogados, agrônomos, arquitetos, um aviador, professores de escolas primárias e secundárias, engenheiros, farmacêuticos, médicos, militares, músicos, padres e muitos pintores. Não é à toa que nessa época tenha ficado famosa a frase proferida pelo jovem monarca brasileiro nos recintos do IHGB: "A ciência sou eu". Sem dúvida, uma clara alusão ao dito de Luís XIV; uma referência ao momento em que d. Pedro passa a ser artífice de um projeto que visava, por meio da cultura, alcançar todo o Império. (SCHWARCS, 1998, p. 131)

As ideias construídas ao longo do Brasil Império perpetuaram bastante e com a modernização interferindo também no cotidiano do indígena, torna-

diferente da edificação antiga não propriamente do indígena, mas da sua imagem, sua forte representação nacional, utilizado como símbolo, fazendo parte das riquezas, usado com patriotismo.

Logo o uso de tecnologias é algo que interfere imediatamente nessa figura que o índio tem, de selvagem, de algo mais próximo ao natural com relações humanas envolvidas, com práticas próprias mas ainda perdido, precisando ser guiado, deixando espaço para que a igreja católica promova a evangelização dos indígenas, tornando-os “bons”, mas justificando também aqueles que estavam além do “salvamento”, ou seja os índios rebeldes podendo então ser vítimas de genocídios e etnocídios.

Na verdade, o uso de tecnologias pelos povos indígenas pode ser considerado como um intercâmbio de culturas, onde é possível através do conhecimento, reconhecimento, ensino e aprendizagem sociedades consideradas mais rústicas utilizarem meios tecnológicos sem perder sua identidade, e fazer exatamente o oposto: fortalecer sua identidade, confirmar sua cultura e de forma aberta usar dos meios midiáticos para mostrar que integrar não é o problema e que é possível transmitir mensagens originais desses povos, assim como mostrar sua cultura, suas crenças e que nem por isso perderão suas raízes.

Através do multiculturalismo¹ é possível acompanhar o que acontece ao redor do planeta em primeira mão. Através da mídia, das redes sociais, há trabalhos sérios que manifesta a integração, pois agrega conhecimento sobre o que se passa em diferentes lugares, diferentes países.

O que se nota através dos 500 anos de invasão europeia nas Américas, é que há um distanciamento proposital pelas partes dominantes que disseminam a ideia de que o índio é selvagem e não tem capacidade sequer de se organizar em sociedade. Sendo que isso não reflete a realidade, uma vez que somente no Brasil, como ilustrado na figura 1, temos 722 Terras Indígenas, 255 povos somando aproximadamente 660.169 pessoas e onde temos ao menos 154² línguas e dialetos indígenas e acaba por ser um número desconhecido para as populações urbanas e rurais.

¹Multiculturalismo: coexistência de várias culturas num mesmo território, país.

²Fonte: Terras Indígenas. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Acesso em 26/05/2019.

Figura 1: Mapa das Terras Indígenas no Brasil



Figura 1: Fonte: site terras indígenas (ISA). Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Acesso em 26/05/2019.

Nesse contexto, esse trabalho foi organizado em temas como mata atlântica, povos indígenas da mata atlântica e apresenta os resultados dos questionários aplicados sobre o conhecimento do público-alvo em relação aos povos e propostas para o ensino.

O trabalho também apresenta a criação do *blog* para disseminar conhecimento a respeito dos povos indígenas e sua importância para a sociedade atual, uma vez que existe também a Lei 11.645 de março de 2008 que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino, mas não onde também não há um guia de como o fazer, algo muito caótico para o professor responsável pelas disciplinas que abordam a temática, pois ele precisa sanar o currículo proposto regularmente e adicionar com obrigatoriedade a temática indígena e afro-brasileira. Isso reforça ainda mais a necessidade de propostas pedagógicas e didáticas para se trabalhar, colaborando não somente a divulgação do movimento social indígena e sua história, mas também é preciso maneiras para se trabalhar tais assuntos.

2. Objetivos

2.1. Objetivo Geral

Pesquisar o conhecimento do público-alvo acerca da temática dos povos indígenas da mata atlântica.

2.2. Objetivos Específicos

- Criar e compilar dados de forma organizada no *blog* “Cantinho da Visibilidade Indígena”, onde demonstrará dados, relatos históricos e informações em geral sobre os povos indígenas da Mata Atlântica para que seja de fácil entendimento para a maior diversidade de pessoas possíveis, inclusive materiais para download e uso em sala de aula, podendo ser utilizado por professores;
- Justificar a preservação, conservação do meio ambiente através da também preservação dos povos indígenas;
- Inferir sobre a dependência dos povos indígenas em relação a natureza, onde na preservação da própria colabora para a não marginalização dos indígenas, pois os mesmos dependem de áreas bem preservadas para subsistência;

3. Material e métodos

A metodologia esteve baseada em leitura bibliográfica e aplicação de questionário online e no intercruzamento de dados secundários e interpretações.

Para a elaboração do questionário online foi utilizado a ferramenta gratuita da empresa Google³ pois além de ser de simples e fácil acesso é possível uma maior abrangência.

Os questionários foram semiestruturados e o alvo foram pessoas ligadas ao ensino principalmente (estudantes de licenciatura e professores) mas voltado também para a sociedade em geral, buscando abranger além da escola. A divulgação foi feita em redes sociais (principalmente Facebook, Instagram e WhatsApp). Pessoas com ligação a autora, como ambiente de estudo (Universidade), de trabalho (escola estadual de ensino fundamental II e médio), familiares e colegas. Um público que de um ponto de vista mais analítico, é privilegiado em acesso a informações, com ensino médio completo e muitos com ensino superior completo.

Os estudantes foram os alvos principais para se atingir, uma vez que os mesmos estão na fase de graduação e espera-se que em breve estarão e/ou já estão trabalhando em suas respectivas áreas.

Para alcançar os objetivos pretendidos foram realizadas consultas nos materiais relacionados a mata atlântica e indígenas disponíveis em diferentes lugares, como livros, internet.

Quanto a criação do *blog*, ele se deu através de um serviço gratuito da internet primeiramente e devido ao alcance foi comprado um domínio que aparece mais facilmente em buscas nos mecanismos de pesquisa mais populares. Por ser um valor acessível com uma taxa anual, espera-se manter ativo a renovação do domínio comprado para manter o *blog* o mais ativo possível afim de prosseguir cumprindo seus objetivos, como será visto no capítulo 4.

O design do *blog* foi pensando de forma representativa, com tema e cores quentes, a fim de chamar atenção do visitante e a mesmo tempo se tornar confortável a leitura com destaque sutil nos tons. Assim como a transparência nas informações, outro aspecto levado em consideração foi a linguagem, em

³ Google LLC: empresa internacional de internet e tecnologia de comunicação com diversos recursos gratuitos.

uma tentativa de simplificar e explicar termos técnicos, não a fim de evitá-los, mas a fim de utilizá-los esclarecendo os significados, uma vez que a população leiga no assunto, baixa escolaridade, ou em fase de aprendizagem consiga fazer a compreensão dos assuntos, cumprindo então o objetivo do *blog* de passar adiante o conhecimento acerca das temáticas indígenas.

Nele constam as informações desse trabalho, junto aos resultados dos questionários e outras informações provenientes de fontes indígenas propriamente farão parte dessa mídia.

3.1. Mata Atlântica

Aqui chamaremos de mata atlântica, tanto a mata atlântica da encosta quanto a do interior. O bioma se distribuía em quase toda a costa brasileira. Essa mata atlântica foi a primeira a ser desmatada. O pau-brasil, árvore nativa da mata atlântica foi um grande atrativo para a coroa portuguesa em ocasião da sua tinta, sendo contrabandeada também pelos franceses e foi um alvo desde o início.

A Mata atlântica chega a ter entorno de 1.300.000 km²⁴, correspondendo a aproximadamente 16% do território nacional, abrangendo originalmente 17 estados brasileiros desde o Nordeste até sul: Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Sergipe, Bahia, Alagoas, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No mapa da Figura 2, mostra-se a correspondência dos biomas no território brasileiro.

⁴Fonte: ICMBio. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/mata-atlantica>. Acesso em: 15 de março de 2019.

Figura 2: Biomas brasileiros

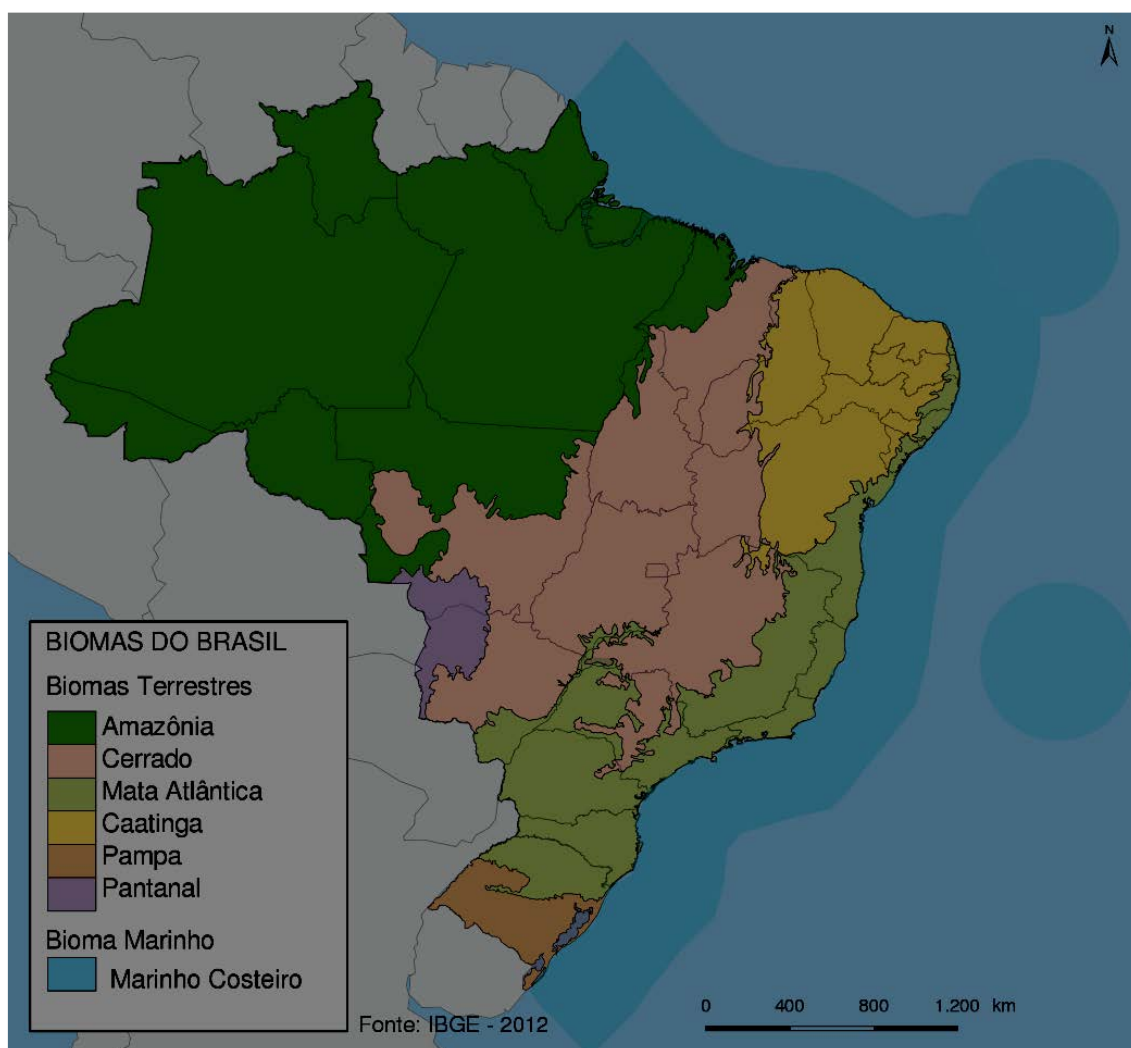


Figura 2: Fonte: IBGE

A mata atlântica é classificada pelo manual técnico da vegetação brasileiro do IBGE (1992) como floresta ombrófila densa (mata atlântica da Serra do Mar) e floresta estacional semidecidual (a mata atlântica do interior). Essa última, o conceito ecológico deste tipo de vegetação está condicionado pela dupla estacionalidade climática: uma tropical, com época de intensas chuvas de verão seguidas por estiagens acentuadas; e outra subtropical, sem período seco, mas com seca fisiológica provocada pelo intenso frio de inverno, com temperaturas médias inferiores a 15°C.

Segundo o manual técnico (IBGE, 1992), ela é constituída por fanerófitos⁵ com gemas foliares protegidas da seca por escamas (catáfilos ou pelos), tendo folhas adultas esclerófilas⁶ ou membranáceas decíduais. Em tal tipo de vegetação, a porcentagem das árvores caducifólias, no conjunto florestal e não das espécies que perdem as folhas individualmente, é de 20 e 50%. Nas áreas tropicais, é composta por mesofanerófitos⁷ que revestem, em geral, solos areníticos distróficos⁸. Já nas áreas subtropicais, é composta por macrofanerófitos⁹, pois revestem solos basálticos eutróficos¹⁰.

Pela classificação de Dora Romariz (1996), a mata atlântica é classificada como Floresta Latifoliada Tropical úmida de encosta (Romariz, 1996) e Floresta latifoliada tropical (Figura 3).

⁵ Fanerófitos: arbustos ou árvores subdivididas de acordo com sua altura, com gemas vegetativas acima de 25 cm ou 50 cm de altura (MARTINS, Fernando Roberto; BATALHA, Marco Antônio, 2001).

⁶ Esclerófila: floresta aberta sendo dominada por espécies como o eucalipto, onde as folhas da copa da parte superior não se misturam, a projeção das copas cobre de 30 a 70% do solo. Classificadas como floresta aberta alta conhecida como floresta esclerófila úmida e o tipo floresta baixa aberta, conhecida como floresta esclerófila seca (Higa, R. C. V., & Sturion, J. A., 1997)

⁷ Mesofanerófitos: plantas entre 20 e 30 m (Dantas, T. V. P., & Ribeiro, A. D. S., 2010)

⁸ Distrófico: em pedologia, refere-se a solos pouco férteis.

⁹ Macrofanerófitos: plantas acima de 30 m (Dantas, T. V. P., & Ribeiro, A. D. S., 2010)

¹⁰ Eutróficos: em pedologia, refere-se a solos férteis.

Figura 3 – Formações vegetais do Brasil

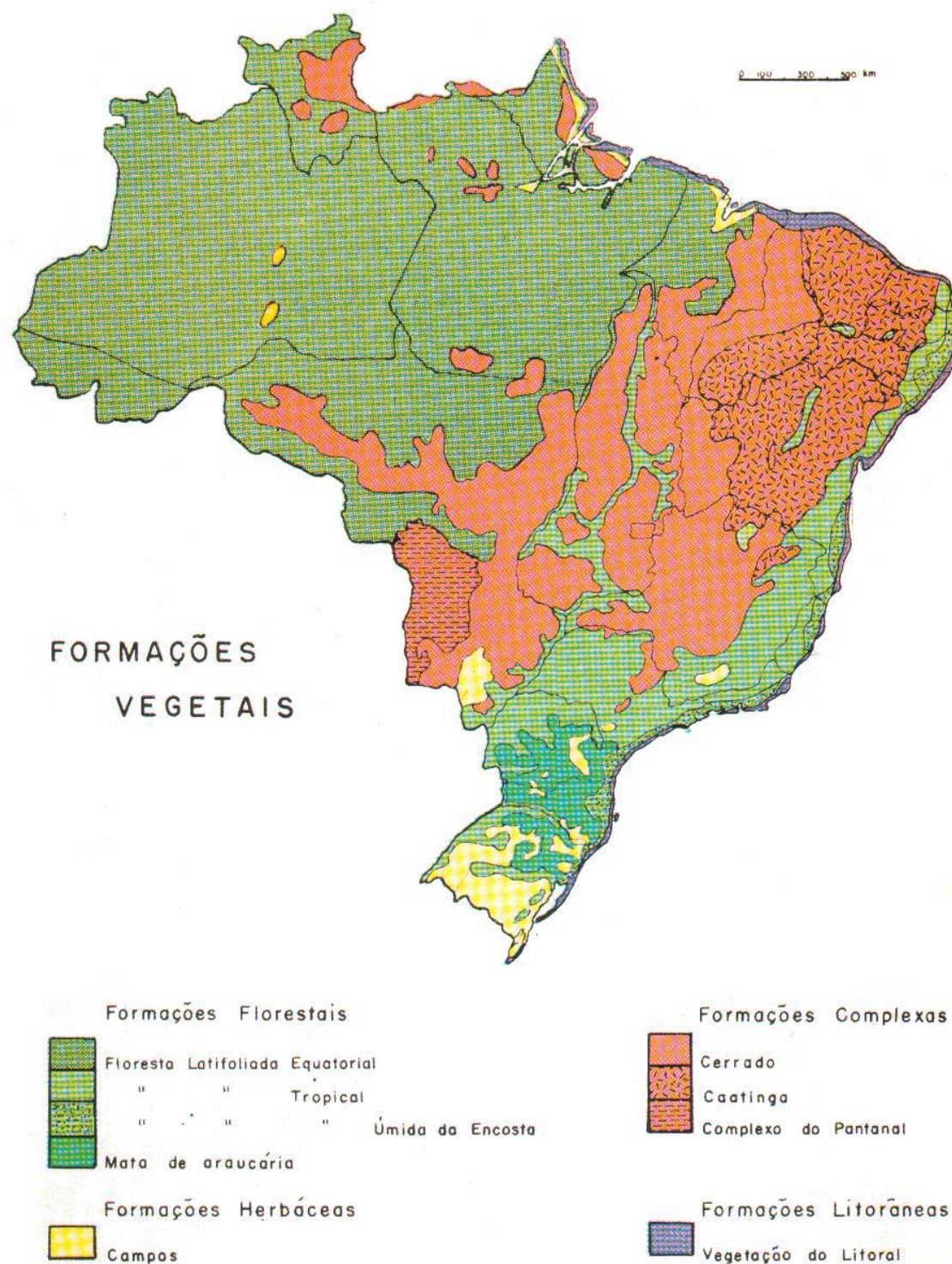


Figura 3: Fonte: ROMARIZ, Dora (1996).

De acordo com Romariz (1996, p.7) “(...) esta mata costeira é quase tão rica e variada quanto a amazônica, embora suas árvores sejam, em geral, mais baixas (20-30 m no máximo) de caules mais grossos e copas mais frondosas”.

Esse tipo de floresta é ligado ao relevo:

Acha-se este tipo de floresta estreitamente ligado ao relevo, ocupando quase exclusivamente as escarpas voltadas para o mar. Esses paredões abruptos servem de anteparo aos ventos marinhos, carregados de umidade, e provocam-lhes a frequente condensação. A isto somam-se ainda os fortes nevoeiros, aí muito comuns, possibilitando esta elevada umidade e presença de uma pujante floresta (ROMARIZ, 1996, p.7).

A floresta latifoliada tropical foi a mata mais devastada, e pela presença de solos, apresenta espécies como peroba rosa, figueira, pau d’alho associadas a solos de terra roxa (ROMARIZ, 1996, p.9).

Com o tempo a diversidade chamou atenção e voltou-se para além do pau-brasil. O processo de colonização levou ao desmatamento contínuo dos biomas (Figura 4) para exploração do território, plantio de monoculturas como café e cana-de-açúcar, mineração, povoamento do território, construção de cidades, etc. Um processo que levou ao desaparecimento e diminuição populacional das sociedades indígenas, morte e migrações forçadas. Houve a primeira maior perda de território desses povos, onde é a fonte de subsistência deles, atingindo-os diretamente.

Figura 4: Remanescentes de biomas brasileiros

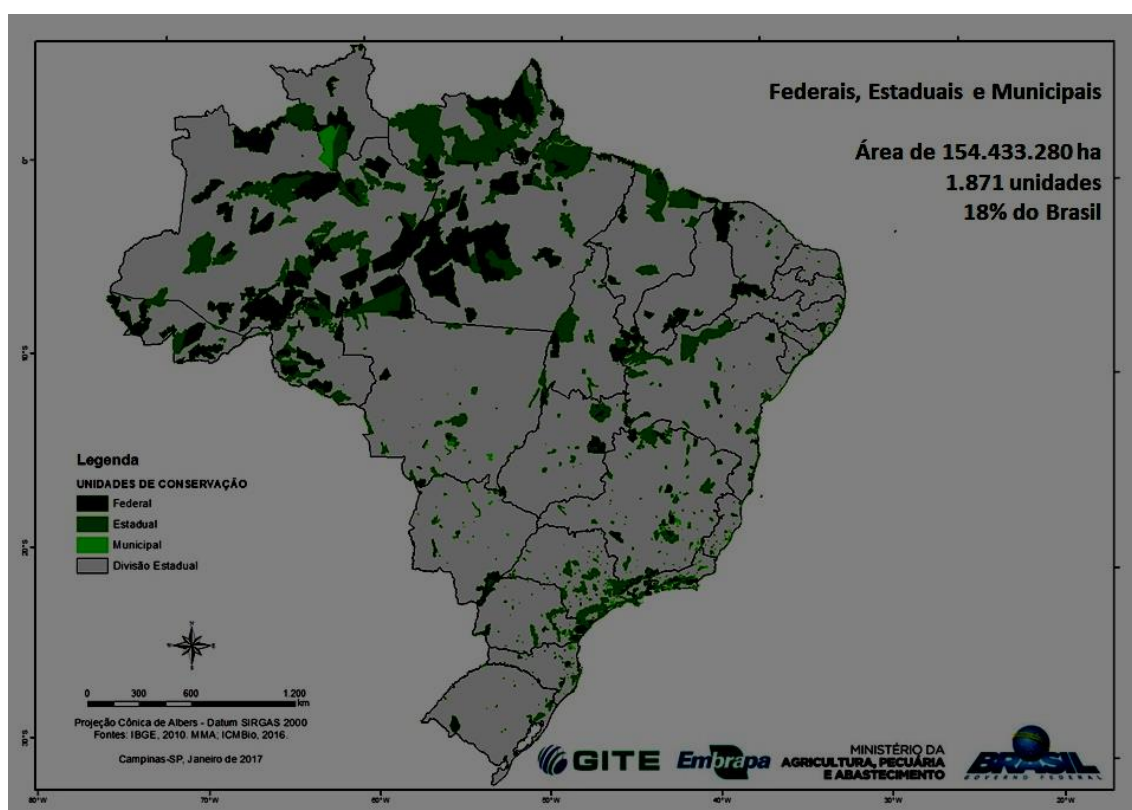


Figura 4: Fonte: IBGE.

No Estado de São Paulo, sendo este o Estado mais povoado do país, teve o interior de seu estado devastado para fins agropecuários e cultivos de monoculturas como café e cana-de-açúcar. Algo recente nessa região da mata atlântica, tendo se início ferrenho da devastação a partir do cultivo de café, durante o ciclo econômico, em meados do século XIX e seu ápice junto com o início do século XX, onde a interiorização estava acontecendo juntamente com a criação de ferrovias e ampliação do ciclo econômico que futuramente prossegue ganhando forças através da modernização do campo, industrialização e urbanização (PINHEIRO, 1999).

No mapa da Figura 5, é exibida a estimativa da perda de vegetação natural da mata atlântica no Estado de São Paulo da situação primitiva até os anos 2000. A figura mostra a projeção de 3% da cobertura vegetal nativa em 2000, felizmente o número acabou sendo 7%, e hoje 8,5.

Figura 5: Perda da vegetação no estado de São Paulo

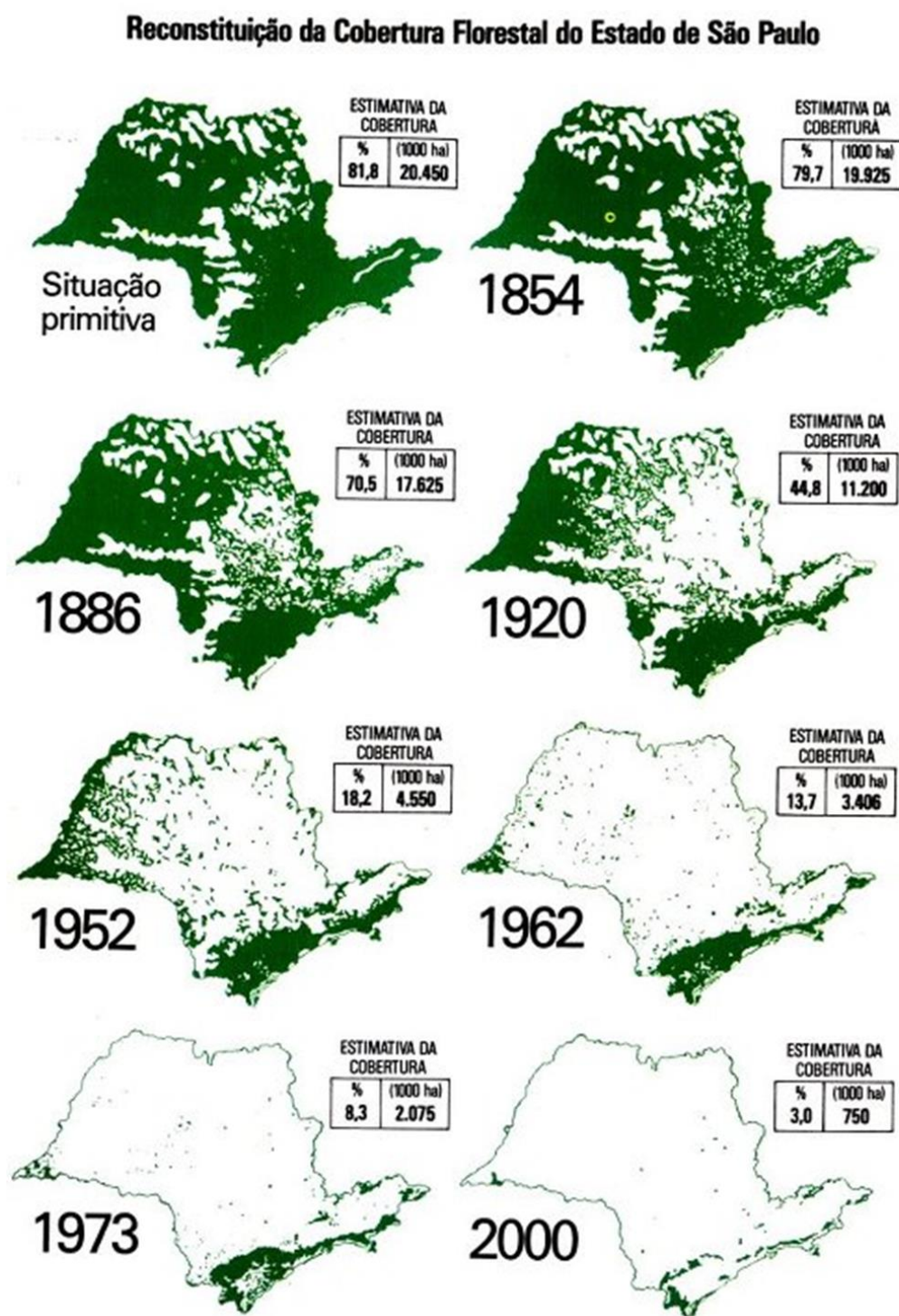


Figura 5: Fonte: VICTOR, CAVALLI, et al., 2005.

A busca por sustentabilidade no mundo atinge também o Brasil a partir da Rio 92, onde cria-se políticas voltadas ao desenvolvimento sustentável e assinaturas do Brasil em tratados internacionais comprometendo-se em encontrar alternativas menos impactantes ao meio ambiente, também de forma

social, especialmente pela fase em que o país estava passando, aumentando suas indústrias. Os estudos sobre efeito estufa da época passa a mostrar um cenário aterrorizante no futuro e a questão passa a ser crítica.

A cobrança em cima de países como o Brasil, com grandes reservas de florestas tropicais e outros biomas com altos níveis de biodiversidade em fauna e flora, presença de espécies endêmicas, colabora para que se torne um alvo de conservação biológica. Algo que foi proveitoso, especialmente na década de 1990 no Brasil, onde a Amazônia juntamente com outros biomas brasileiros teve um aumento nos índices de desmatamento (Furtado et al, 2003).

Mesmo assim, isso significa uma enorme perda de áreas naturais, junto a sua fauna e flora. Devemos atentar ao fato de que as florestas tropicais são características de espécies endêmicas¹¹ e a significativa perda do território natural leva também a diminuição e extinção de espécies abundantes. Espécies nunca sequer catalogadas. Cientificamente, essa perda irreversível também consiste em perda de relações biológicas únicas e complexas além de espécies potencialmente convenientes ao próprio ser humano, como espécies de ervas/plantas medicinais.

¹¹Espécie de flora ou fauna restrito a uma determinada região geográfica.

3.2. Povos Indígenas da Mata Atlântica

A mata atlântica era morada de inúmeras etnias, antigos povos indígenas que habitavam, segundo registros arqueológicos¹².

Os povos indígenas que viviam nesse bioma sofreram graves consequências, como a perda de territórios e da identidade cultural. Para os colonizadores, o índio estava entre eles e o território precisava ser desbravado.

Os povos nativos dividiram conhecimentos sobre o território e a mata e após tentativas frustradas de tornar o índio mão-de-obra escrava, optou-se pelos negros africanos para tal fim. Com a interiorização da colônia, o genocídio¹³ e o etnocídio¹⁴ indígena cresceu uma vez mais e diversas etnias¹⁵ desapareceram ou diminuíram drasticamente.

Os povos indígenas da mata atlântica usavam muitos dos recursos florestais e animais para fazerem materiais de caça, para construir suas casas, para fazerem remédios.

Como por exemplo, o fruto da árvore do Jaracatiá (*Jaracatia spinosa*) era usado como alimento para os Guarani e os Kaingang utilizam o tronco para rituais. O jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) era utilizado pelos Guarani para alimentação, uso religioso e artesanato aproveitando a raiz, caule, folha, fruto e semente (Risso, 2011)

O estudo “Ecologia Histórica Guarani: As plantas utilizadas no bioma Mata Atlântica do litoral Sul de Santa Catarina, Brasil (Parte I)” oferece um exemplo claro da dependência dos povos indígenas mediante as espécies nativas. Na tabela 1 é possível conferir as famílias biológicas mais utilizadas pelos Guarani, mostrando a importante relação de dependência entre os indígenas e a mata preservada.

¹²Niede Guidon, 1986. Letters to Nature.

¹³Genocídio: extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso.

¹⁴Etnocídio: destruição da civilização ou cultura de uma etnia por outro grupo étnico.

¹⁵Etnia: grupo culturalmente homogêneo.

Tabela 1-As 5 famílias mais importantes em termos quantitativos utilizados pelos Guarani					
Uso					
	<i>Myrtaceae</i>	<i>Fabaceae</i>	<i>Asteraceae</i>	<i>Lauraceae</i>	<i>Poaceae</i>
Alimentar	51	16	7	24	6
Sem indicação	20	20	0	13	0
Artefato	6	20	3	1	8
Medicinal	2	12	24	4	10
Comercial	1	0	0	0	2
Construção	1	4	1	0	6
Artesanato	0	6	0	0	5
Veneno	0	4	3	0	0
Hig. Pessoal	0	1	1	0	3
Religioso	0	2	1	1	1
Total	54	53	35	26	24

Tabela 1: Fonte: Pereira (2016, p. 11)

Com o tempo, tanto a mata como esses povos foram diminuindo. E quando a mata desaparece, as culturas indígenas sofrem diretamente os impactos, gerando desequilíbrios no modo de vida da comunidade. Isso porque florestas e povos indígenas estão interconectadas.

O desmatamento não é em si o único perigo apresentado aos povos indígenas e aos biomas brasileiros. Nas figuras 6 e 7 é possível verificar manchas dos focos de queimadas das últimas 24 horas, onde são constantemente monitoradas via satélite.

Figura 6: Focos de queimadas nos biomas brasileiros (24h – 27/05/2019)

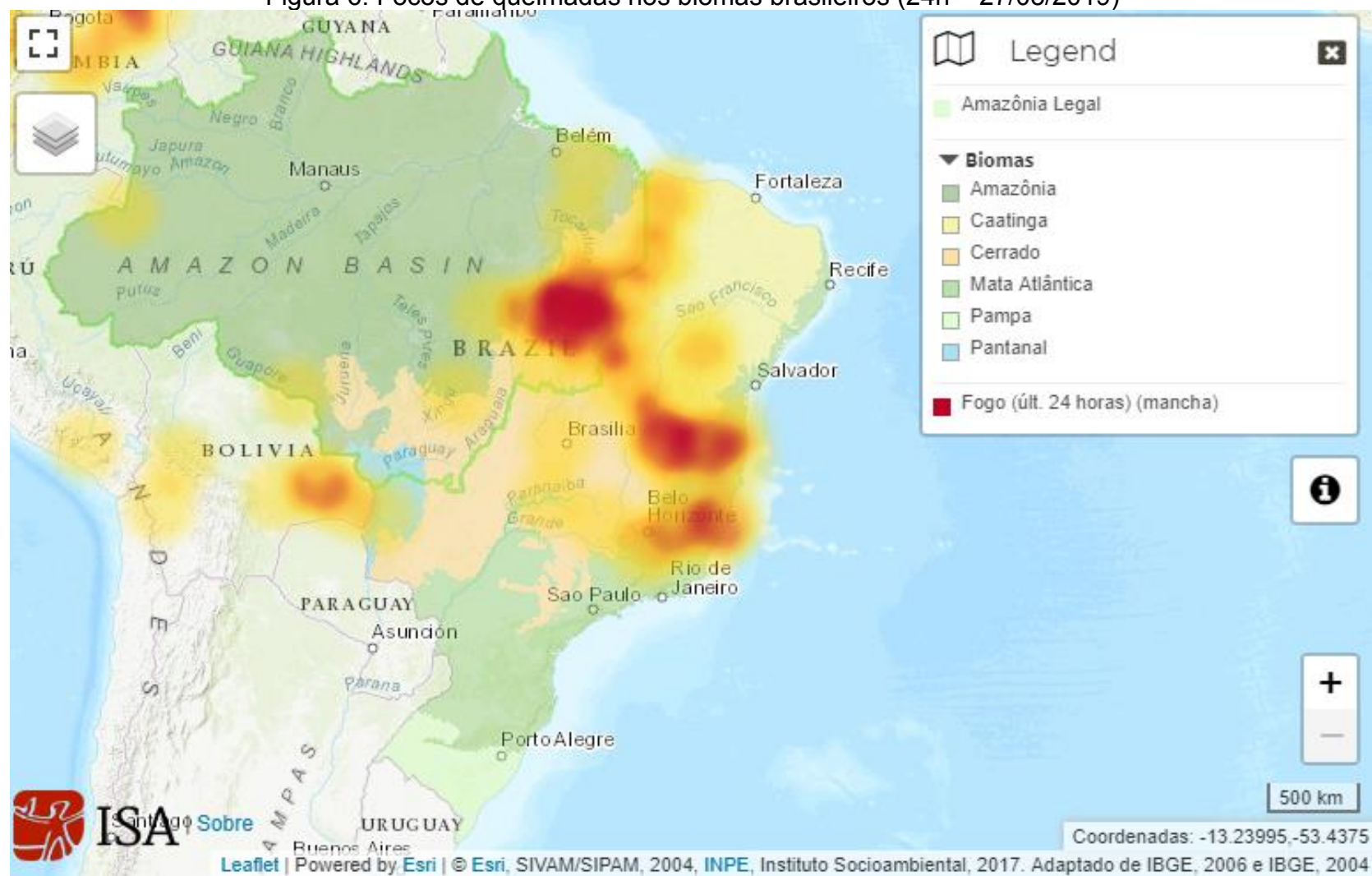


Figura 6: Fonte: site Terras Indígenas (ISA). <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Acesso em 27/05/2019

Figura 7: Focos de queimadas nos biomas brasileiros (24h – 30/06/2019)

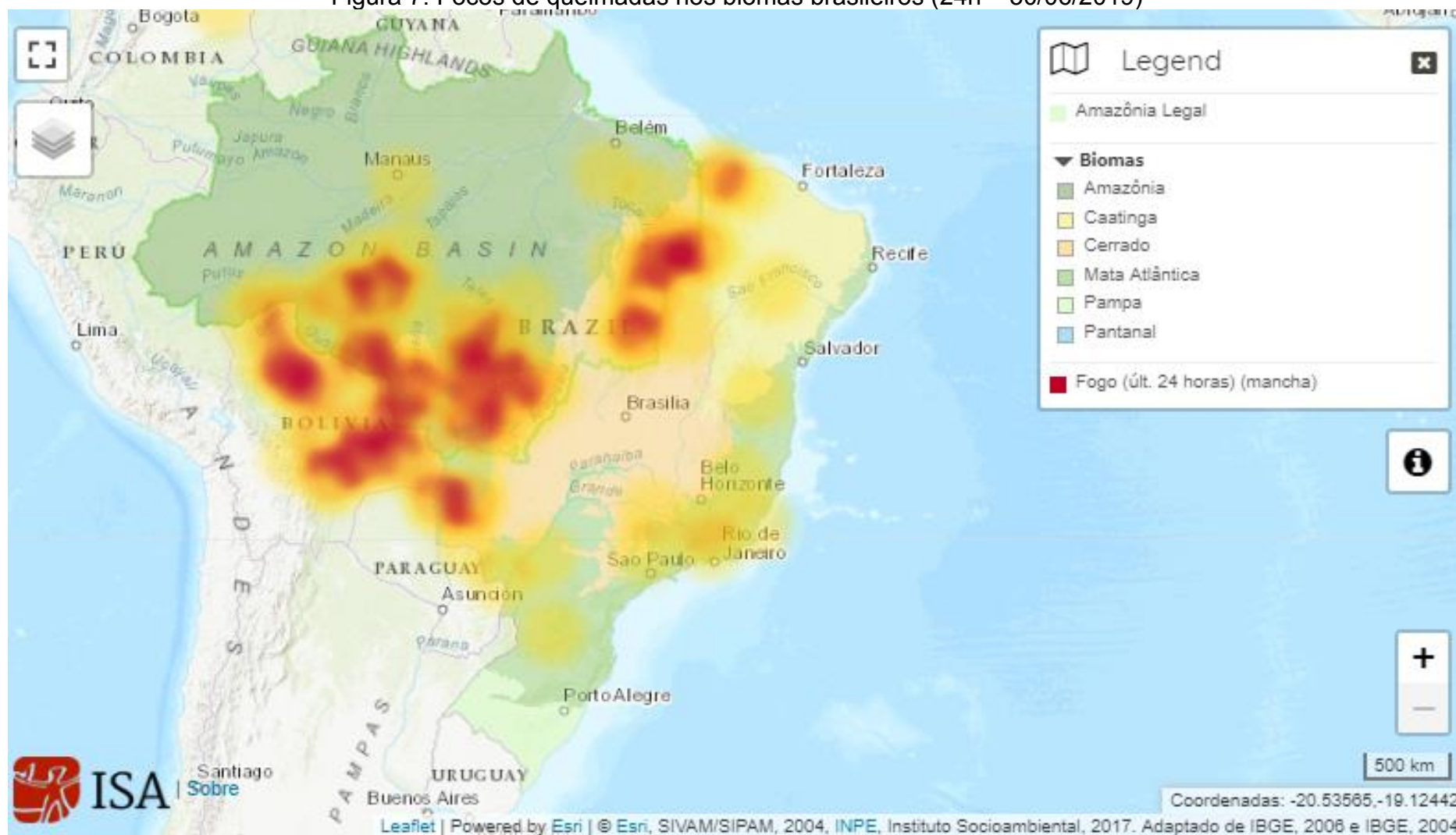


Figura 7: Fonte: site Terras Indígenas (ISA). <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Acesso em 30/06/2019

Além das queimadas é importante destacar os processos minerários, um problema tão grave quanto as queimadas e que trazem não somente grandes prejuízos as sociedades indígenas, mas aos biomas em si e fere por completo os termos “conservação” e “preservação”, uma vez que pode-se ver em primeira mão as consequências das explorações minerais no Brasil feitas de modo econômico para garantia do maior excedente possível trazendo não somente prejuízos a sociedade em geral, mas também ceifando as vidas de cidades inteiras, como o que aconteceu em Mariana/MG em 2015, Brumadinho/MG em 2018.

Nos dias presentes há pelo menos 4.181 processos de requerimentos minerários incidentes em terras indígenas, com o ouro representando um pouco mais de 50% dos requerimentos. Na Figura 8 é possível tomar conhecimento os principais requerentes de processos minerários em terras indígenas, mesmo que abrangendo parcialmente territórios.

Figura 8: Principais requerentes de processos minerários

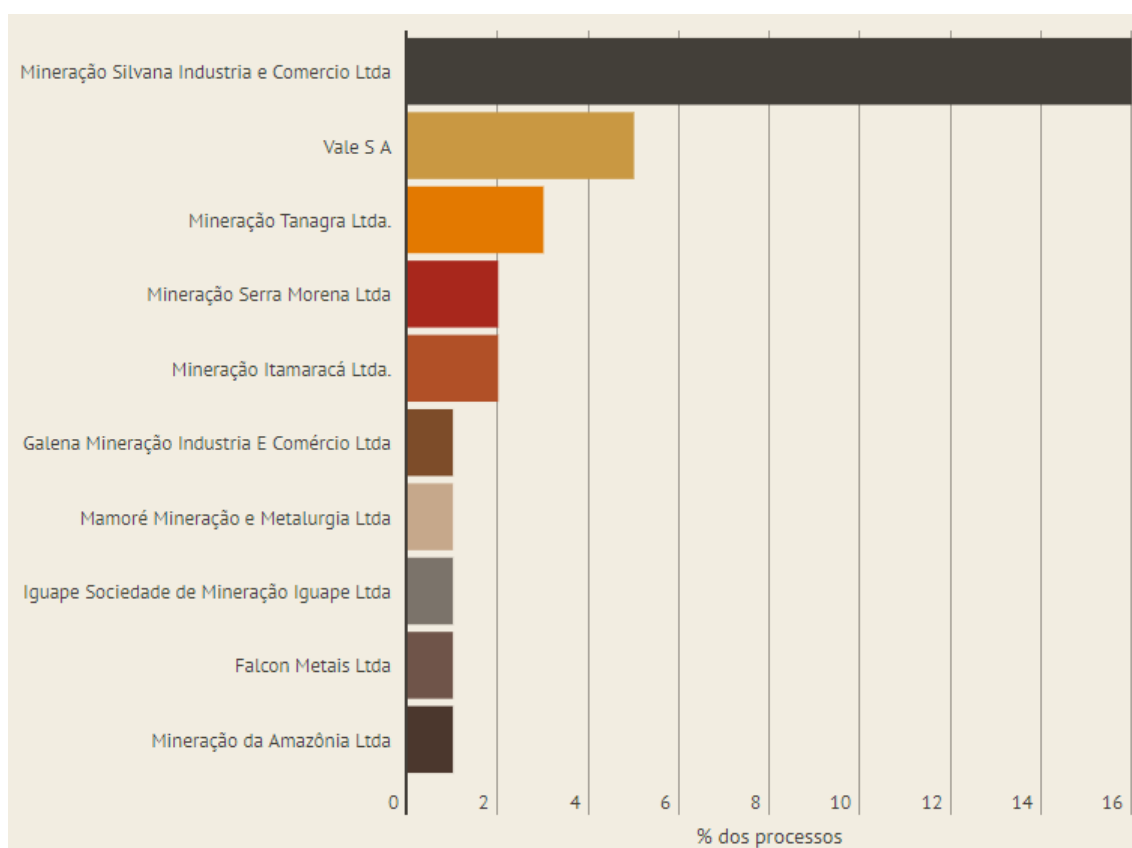


Figura 8: Fonte: DNPM/Instituto Socioambiental. <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Última atualização: janeiro/2016. Acesso: 26 de maio de 2019.

Na Figura 9, é possível visualizar os dez elementos principais procurados na mineração dos territórios indígenas, onde o ouro representa 51% da procura, estanho 6%, cobre 5%, wolframita 2%, chumbo 2%, titânio 1%, zinco 1%, platina 1%, sais de potássio 1% e tântalo 1% totalizando 77,4% do total de requerimentos enquanto outras substâncias 22%.

Figura 9: Principais substâncias requeridas

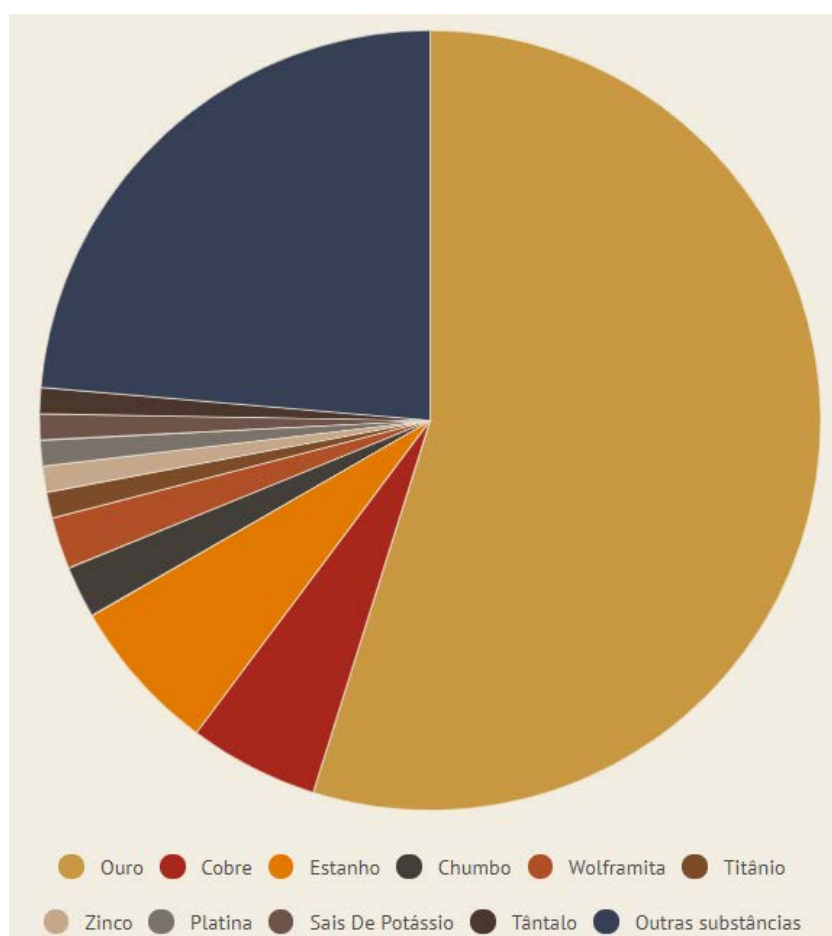


Figura 9: Fonte: DNPM/Instituto Socioambiental. <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Atualização: janeiro/2016. Acesso em: 26 de maio de 2019

Atualmente o Estado de São Paulo tem 33 Terras Indígenas o que corresponde a 74.723,43 ha¹⁶. Como povos indígenas deste bioma podemos citar: Guarani Mbya, Guarani Nandeva, Kaingang, Pankararu, Terena, Tupiniquim, Potiguara, Kadiweu, Pataxó, Wassu, Krenak, Kaiowa.

Uma observação importante a ser considerada na leitura dos dados entre FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e ISA (Instituto Socioambiental) é que existe algumas divergências entre as bases de dados. Por ser instituições diferentes, com metodologias, equipes e cronogramas diferentes acaba determinando também uma divergência, como uma margem de erro nos resultados. Mas não é possível utilizar só uma base de dados pois ambas se complementam nas informações.

¹⁶ Fonte: Terras Indígenas (ISA). Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Acesso em 11 de julho de 2019.

Os Guarani estão presentes na América Latina abrangendo Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Pará¹⁷. A família linguística é o Tupi-Guarani e no Brasil representam 85.255 de indígenas. Os grupos Guarani que vivem no país atualmente são os Mbya, Kaiowá ou Pãi-Tavyterã e Nandeva também conhecidos como Avá-Guarani.

Os Kaingang estão presentes nos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. A família linguística é o Jê. E segundo a Sesai (2014) há aproximadamente 45.620 indígenas desta etnia, um número que representa muito pouco o número original. A etnia Kaingang perdeu muito território e sofreu as consequências de seus espaços serem fragmentados pelo alto povoamento no sul e sudeste do Brasil, onde originalmente habitavam, sendo atualmente marginalizados por isso.

Os Krenak, se autodenominam Borum e estão presentes em Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo representando aproximadamente 434 indígenas (Sesai, 2014) e a família linguística é o Krenák. Foram vítimas de grandes massacres durante o Brasil colônia pelas então chamadas “guerras justas”¹⁸.

Os Terena estão presentes em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo, onde representam 26.065 dos indígenas brasileiros (Sesai, 2014). A língua falada é o Aruák e originalmente não habitavam o estado de São Paulo, foram levados pela SPI (Serviço de Proteção aos Índios), servindo de “exemplo” para os outros índios locais.

Os Anacé originários do estado do Ceará se localizavam a costa brasileira e eram conhecidos como guerreiros que não se submeteram a coroa portuguesa. Sofreram com o decreto do Governo Provincial (1863) onde alegava-se não ter mais indígenas no Ceará, portanto os territórios estariam livres, sendo que na realidade os povos remanescentes optaram por ocultar a sua verdadeira identidade e adotaram diversos elementos que se pareciam com seus próprios costumes para continuarem sobrevivendo, inclusive abandonaram sua própria

¹⁷Dados: Mapa Guarani Continental (ISA), 2016.

¹⁸Guerras justas: situação apoiada pela Igreja Católica onde os índios que se revoltavam com a colonização eram escravizados ou mortos, diferentemente daqueles que não se revoltavam.

língua e fizeram uso principal do português. Devido a migração da população Anacé não foi encontrada estimativa populacional.

Os Jenipapo-Kanindé também do Ceará teve sua população quase dizimada indo de 96 pessoas em 1982 e 328 em 2014 (Sesai, 2014). Descendentes dos Payaku também da região e tendo o início da demarcação das suas terras em 1997 pela Funai¹⁹. Não há registros históricos enquanto sua língua, mas há uma teoria que talvez se assemelhasse a dos antigos Tarairiu, que apesar de serem nativos da Caatinga, habitavam o nordeste brasileiro também.

Os Potiguara foram um dos primeiros indígenas a ter contato com os colonizadores e por isso perderam muito de sua identidade ao longo do tempo. Atualmente há aproximadamente 18.445 indígenas desta etnia, onde falam o português e através da reaprendizagem do Tupi-Guarani tentam manter a identidade cultural viva.

As etnias Tapeba é representada por aproximadamente 6.651 indígenas e a Tremembé por 3.662 indígenas, ambos no Ceará e não há dados em relação a família linguística.

Os Pankararu são representados por 8.184 indígenas e estão presentes nos estados de Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo e faz parte dos primeiros grupos que tiveram contato com a colônia brasileira desde o início e não dá dados sobre família linguística.

Os Tuxá estão localizados nos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco com 1.703 (Sesai, 2014) indígenas aproximadamente. Habitavam diversas ilhas e perderam muito território original com o alagamento do Rio São Francisco para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaparica, onde inundou a ilha da Viúva, onde ficava o exíguo territorial agrícola do povo. A partir de então foram fragmentados e transferidos para outras três áreas nos limites do município de Ibotirama – Área Indígena Tuxá de Ibotirama (BA); outra no município de Rodelas – Áreas indígenas Tuxá e Nova Rodelas (BA); e por último a margem do rio Moxotó, nos limites de Inajá – Terra Indígena Tuxá da Fazenda Funil (PE).

Os indígenas da etnia Atikum são representados por 7.929 (Sesai, 2014) indígenas nos estados de Pernambuco e Bahia. A língua desse grupo é

¹⁹Funai: Fundação Nacional do Índio.

misteriosa, uma vez que não há dados e os mesmo falam português há gerações.

Os Kiriri são representados por aproximadamente 2.751 (Sesai, 2014) indígenas e se localizam no estado da Bahia e são um grupo altamente estruturados politicamente onde mantém contato com outros grupos indígenas afim de manter ao máximo sua identidade ao mesmo tempo em que lutam pela preservação de suas terras.

Os Pataxó estão nos estados de Bahia e Minas Gerais, onde somados dão 12.326 (Sesai, 2014) indígenas e sofreram terríveis consequências da colonização, uma vez que tem sua língua, mas muito da mesma se perdeu, pois, também foram obrigados a esconder seus costumes para tentar sobreviver.

Os Pataxó Hãhãhãe sofreram com expropriações de suas terras, transmissão de doenças, deslocamentos forçados e genocídio. Até mesmo a terra reservada a eles pelo Estado (1926) foi invadida, virando fazendas particulares. Atualmente também fazem parte do etnônimo Pataxó Hãhãhãe as etnias Baenã, Kamakã, Tupinambá, Kariri-Sapuyá e Gueren. Estão no estado da Bahia, com 2.866 (Sesai, 2014) indígenas ao total.

Os Kalankó estão localizados no estado de Alagoas e são representados por aproximadamente 329 (Sesai, 2014) indígenas. Passaram por diversos massacres e a partir da década de 1980 que o grupo passou a lutar pelo reconhecimento de suas terras e pela sua preservação.

Os Kariri-Xokó e não conseguiram preservar sua língua permanecendo algumas palavras e expressões do ritual Ouricuri. Estão no estado de Alagoas, onde são representados por aproximadamente 1.905 (Sesai, 2014) indígenas.

Os Tingui-Botó também realizam o ritual secreto Ouricuri e foram reconhecidos como indígenas a partir da década de 1980, até então eram chamados de “caboclos”. Estão no município de Feira-Grande (Alagoas) e são representados por 396 (Sesai, 2014) indígenas.

Os indígenas da etnia Xetá são originalmente do Paraná e estão dispersos atualmente pelos estados de Santa Catarina e São Paulo também. Foram reduzidos a aproximadamente 69 (Sesai, 2014) pessoas, um quadro melhor do que na década de 1950, onde havia somente 8 indígenas desta etnia, onde se resumiam três mulheres e cinco homens, todos ligados por laços de parentesco, casaram-se com Kaingang, Guarani e não-índios. Dos oito

sobreviventes, três falam fluentemente a língua de seu povo e uma das mulheres consegue entender o que é falado por eles, mas fala somente o português.

Os indígenas da etnia Xokleng são da família linguística Jê, são originalmente da região de Santa Catarina e se autodenominam *Laklanõ* e foram vítimas do brutal processo de colonização ao sul do Brasil, onde restaram aproximadamente 2020 (Sesai, 2014) indígenas da etnia.

Os Maxakali se autodenominam Tikmu'um e estão presentes no estado de Minas Gerais, onde a população chega aproximadamente a 2076 (Sesai, 2014) indígenas. Um problema crônico para a etnia foram as administrações autoritárias que resultaram em desajustes sociais graves como marginalização dos povos de maneira econômica, embriagues.

Os Xakriabá fazem parte da família linguística Jê e estão em Minas Gerais com 8.867 (Sesai, 2014) indígenas, uma população até generosa após sobreviver a hostilidade dos bandeirantes e as agressivas frentes pecuaristas e garimpeiras que marca na atualidade uma luta intensa pela valorização do seu povo, da identidade cultural e para ampliar suas terras (que foram drasticamente diminuídas).

A etnia Kadiweu, estão no Mato Grosso do Sul com 1413 (Sesai, 2014) indígenas e tiveram grande participação na Guerra do Paraguai. A família linguística é o Guaikuru que se incluem outros povos da região do Chaco, Os Toba (Paraguai e Argentina).

Os Aranã, localizados em áreas urbanas e rurais de Minas Gerais, tem aproximadamente 362 (Funasa, 2010) indígenas representando sua etnia e não se encontra dados sobre família linguística.

Os Tupiniquim atualmente usam somente o português como língua, mas eram falantes do Tupi litorânea que faz parte do Tupi-Guarani e estão localizados no estado do Espírito Santo com 2901 (Sesai, 2014) indígenas.

Não foram encontrados dados sobre as etnias Tabajara, Wassu e Karapotó.

Cruzando os dados do site Terras Indígenas (ISA) e o site Povos Indígenas no Brasil (IPB) foi possível a confecção da tabela 2, onde é exibido os povos indígenas da Mata Atlântica com suas respectivas línguas e localização nas unidades da federação e sua respectiva população.

Tabela 2: Povos indígenas da Mata Atlântica			
Grupo	Língua	UF	População
Anacé	-	CE	-
Aranã	-	MG	362
Atikum	-	PE, BA	7.929
Guarani	Guarani	RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA	85.255
Jenipapo-Kanindé	-	CE	328
Kadiwéu	Guaikuru	MS	1.413
Kaingang	Jê	PR, RS, SC, SP	45.620
Kalankó	-	AL	329
Karapotó	-	AL	900
Kiriri	-	BA	2.571
Kariri-Xokó	-	AL	1.905
Krenak	Krenák	MG, MT, SP	434
Maxakali	Maxakali	MG	2.076
Pankararu	-	MG, PE, SP	8.184
Pataxó	Pataxó	BA, MG	12.326
Pataxó-Hã-Hã-Hãe	Pataxó Hãhãhãe	BA	2.866
Potiguara	Tupi-Guarani*	PB, CE, PE, RN	18.445
Tabajara	-	CE, PI	2.881
Tapeba	-	CE	6.651
Terena	Aruák	MS, MT, SP	26.065
Tingui-Botó	-	AL	396
Tremembé	-	CE	3.662
Tupinambá	-	BA	-
Tupiniquim	-	ES	2.901
Tuxá	-	AL, BA, PE	1.703
Wassu	-	AL	2.014
Xakriabá	Jê	MG	8.867
Xetá	Tupi-Guarani	PR	69
Xokleng	Jê	SC	2.020
Legenda: *Reaprendizagem - Não há dados.	Observação: há povos presentes em estados que estão fora do domínio mata atlântica também.		

Tabela 2: Fonte: dados retirados dos sites Povos Indígenas no Brasil (ISA) e Terras Indígenas (ISA). Maio de 2019. Disponível (respectivamente) em https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal e <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

No Estado de São Paulo as terras indígenas estão localizadas no litoral, Vale do Ribeira, sendo a maior população nessas terras do povo Guarani Mbya e Tupi-Guarani (Ñandeva). Os Kaingang, junto aos Terena, Krenak, Fulni-ô e Atikum, ocupam três terras indígenas na região oeste do estado (Vanuíre, Icatu e Araribá). A população que vive em terras indígenas é de 4.069 índios (Funai: S.D apud Comissão Pro Índio, 2019).

3.3. Modalidades de Terras Indígenas

Olhar para o território brasileiro atual e imaginar como o território brasileiro estava ocupado e organizado pelos povos indígenas e que com o tempo foram se reduzindo, nos faz pensar no quanto se perdeu em cultura, sabedoria, tradição.

Segundo Darcy Ribeiro (1995, p.141) “É de todo provável que alcançasse, ou pouco excedesse, a cinco milhões o total da população indígena brasileira quando da invasão”. Um contraste se comparado às 660.169 pessoas localizados em terras indígenas.

É preciso esclarecer que atualmente dispõem-se de parâmetros legais, onde prevê-se na Constituição Federal de 1988, a Lei 6001/73 – o Estatuto do Índio, Decreto nº 1775/96 (FUNAI) onde classifica-se as terras indígenas em 4 modalidades:

- I. Terras Indígenas Tradicionalmente Ocupadas: previstas no artigo 231 da Constituição Federal/88 e pautado pelo Decreto nº 1775/96. Se referem as terras indígenas de direito originário.
- II. Reservas Indígenas: terras doadas por terceiros, adquiridas/desapropriadas pela União com destino permanente a indígenas.
- III. Terras Dominiais: terras de propriedade das comunidades indígenas adquiridas por meios de domínio dentro dos termos da legislação civil
- IV. Interditadas: áreas dedicadas para proteção de povos isolados onde é restrito o trânsito e o contato. São áreas determinadas pela Funai.

Ainda há fases de processo administrativo, onde as terras indígenas tradicionalmente ocupadas passam pelas etapas até a devida regularização. São essas as fases:

- I. Em estudo: fase que se refere ao estudo antropológico, histórico, ambiental, para fundamentar a demarcação territorial.
- II. Delimitadas: áreas que passaram pela fase de estudo e foram aprovadas para serem delimitadas pela Presidência da Funai utilizando-se dos meios legais para seguir a próxima fase.

- III. Declaradas: terras delimitadas e estão autorizadas para demarcação física através de materialização dos marcos e georreferenciamento.
- IV. Homologadas: já possuem georreferenciamento e limites materializados e passou pela fase de decreto presidencial.
- V. Regularizadas: terras já registradas em Cartório em nome da União e na Secretaria do Patrimônio da União, já homologadas.
- VI. Interditadas: áreas restritas dedicadas a proteção de índios isolados.

A tabela 3 mostra a quantidade de processos por fase e a superfície cotada em alqueires (ha):

Tabela 3: quantidade de processos administrativos para reconhecimento de terras indígenas		
Fase do processo	Quantidade	Superfície (ha)
Delimitada	44	2.184.522,4500
Declarada	74	7.612.149,3759
Homologada	13	1.497.048,9576
Regularizada	436	105.773.689,9659
TOTAL	597	117.067.410,7494
Em estudo	116	860,7268
Portaria de interdição	6	1.080.740,0000

Tabela 3: Fonte: site da Funai. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em 28/05/2019.

Foram obtidos 96 questionários, onde 87 pessoas se identificaram. A seguir, alguns que mostram os resultados gerais do questionário.

A origem das pessoas que responderam ao questionário são a maioria do estado de São Paulo: Ourinhos, Bragança Paulista, Campo Limpo Paulista, São Paulo, São Miguel Arcanjo, Itapevi, Jarinu, Cananeia, Piraju, Tejuapá, Santa Fé do Sul, Francisco Morato, Tietê, Pirassununga, Caieiras, São Bernardo do Campo, Rio Claro, Santana de Parnaíba, Salto Grande, Taquaritinga, Canitar. Do estado de Minas Gerais: Conselheiro Lafaiete. Do estado de Goiás: Caldas Novas. Do estado de Pernambuco: Petrolina. Do Mato Grosso do Sul: Bonito. E de Portugal: Bragança.

Como aparece na Figura 10, 38,5% das pessoas que responderam o questionário são do gênero masculino, 60,4% são do gênero feminino e 1% se identificou como não-binário.

Figura 10: Gênero dos entrevistados

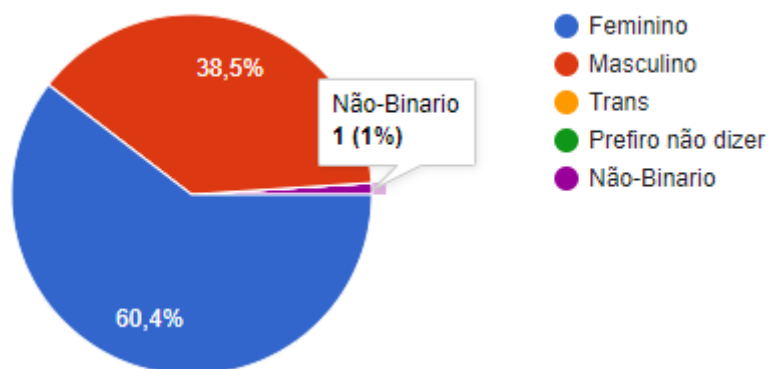


Figura 10: Fonte: Pesquisa da autora

Como podemos ver na Figura 11, 43,8% da amostra tem mais de 41 anos de idade. Em seguida temos pessoas entre 18 e 25 anos representando 18,8%, depois pessoas entre 31 e 35 anos em 14,6%, pessoas entre 36 e 40 anos em 13,5% e por último uma faixa etária de 26 a 30 anos com 9,4%.

Figura 11: Faixa etária dos entrevistados

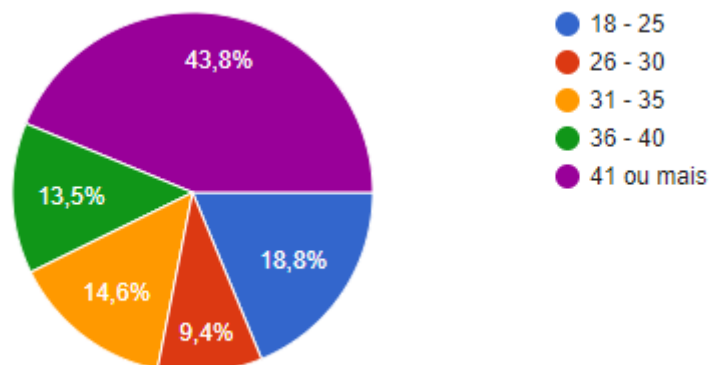


Figura 11: Fonte: Pesquisa da autora

Na Figura 12, sobre o nível de escolaridade, vemos uma maioria (89,6%) já formados no ensino superior, contra 7,3% com o ensino superior incompleto e 3,1% que tem ensino médio completo. Ressalto a importância de se levar em consideração o público, uma vez que em sua maioria, são mostram maduros intelectualmente, onde reflexões sociais são mais comuns, uma vez que a alta taxa de ensino superior completo compete principalmente a professores da rede pública estadual, pessoas relacionadas com o meio acadêmico, pois houve divulgação aos membros da instituição através de mensagens eletrônicas (e-mail). Relacionando ao interesse apresentado (figuras 13, 14 e 15) deixa claro que o tema é de interesse dessas pessoas (90,6% apresentaram interesse).

Figura 12: Nível de escolaridade dos entrevistados

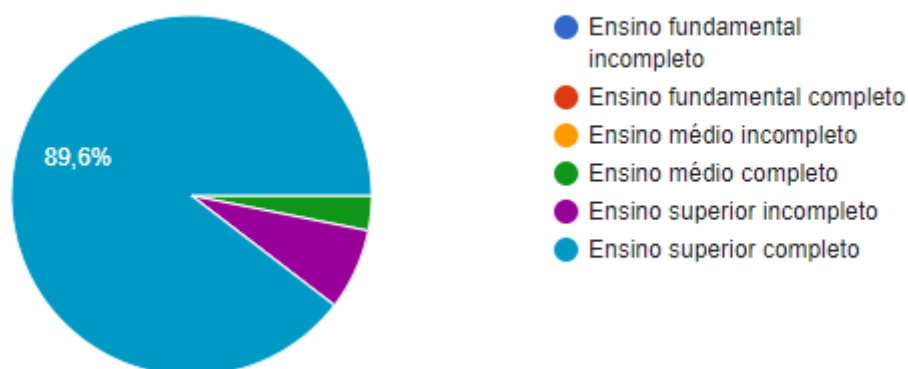


Figura 12: Fonte: Pesquisa da autora

Na pergunta nº 6 do questionário “na sua opinião, há relação entre povos nativos e mata atlântica? ”, 94,8% responderam que sim enquanto 5,2% responderam que não como mostra a Figura 13.

Figura 13: Conhecimento da relação entre povos nativos e mata atlântica

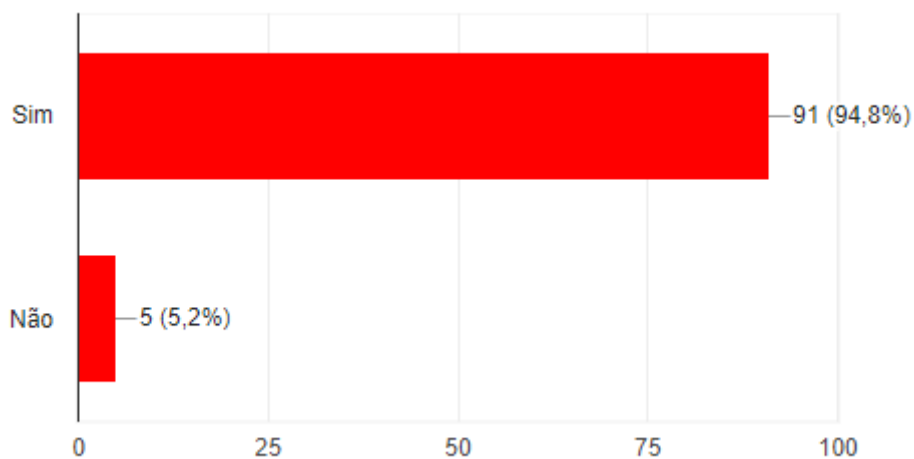


Figura 13: Fonte: Pesquisa da autora

Na questão nº 8 do questionário “você sabe se existe povos indígenas o Estado de São Paulo hoje? ” 87,5% responderam que sim enquanto 12,5% responderam que não como está representado na Figura 14.

Figura 14: Conhecimento dos povos indígenas do Estado de São Paulo

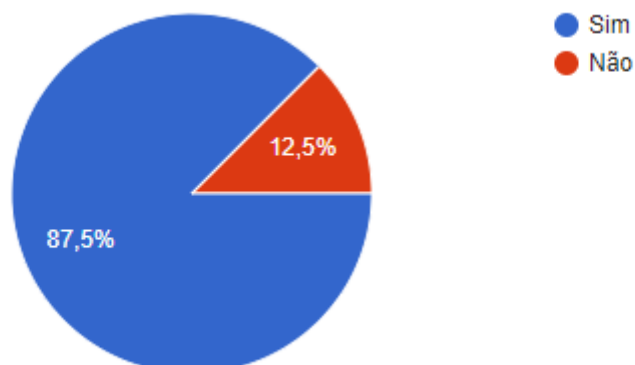


Figura 14: Fonte: Pesquisa da autora

Na questão nº 9 “você tem curiosidade de aprender mais sobre os povos indígenas?” 90,6% responderam que sim, enquanto 9,4% responderam que não, assim apresentado na Figura 15.

Figura 15: Curiosidade sobre a aprendizagem sobre os povos indígenas

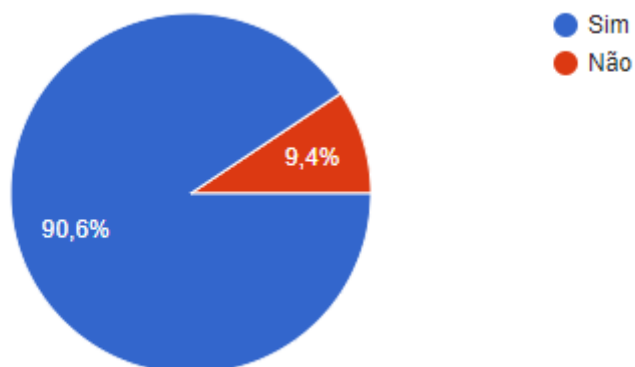


Figura 15: Fonte: Pesquisa da autora

Das respostas obtidas a partir dos questionários se obteve uma manifestação preliminar sobre suas percepções em relação ao tema indígena e sua conexão com a mata.

A partir das respostas é possível destacar que se apresentou uma maioria (90,6%) em querer se informar mais e que apresentou maior curiosidade em relação aos povos indígenas, onde 9,4% não manifestaram interesse em aprender mais ou saber sobre o assunto.

Sobre as questões qualitativas dos assuntos que os entrevistados sugeriram para serem abordados, destaca-se:

- Localização, distribuição, condições sociais, educação, técnicas, políticas; outras imateriais como culinárias, concepções de mundo, história, influência em nossa cultura, etnias, ervas/plantas medicinais, línguas, artesanato, cotidiano.

Um ponto interessante presente em significativa parte das respostas da questão dez “se você respondeu sim na questão anterior, qual (is) assuntos gostaria de saber?” (Correspondente a questão nove “você gostaria de aprender mais sobre os povos indígenas?”) É a busca pelo cosmológico, religioso, espiritual onde o envolvimento de crenças desperta uma curiosidade existencialista, fenomenológica²⁰.

²⁰ Segundo Husserl (apud. Triviños, p. 43) a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na existência e não e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua “factilidade”, como uma presença inalienável, e cujo esforço está em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um status filosófico. É a ambição de uma filosofia que pretende ser uma “ciência exata”, mas também uma exposição do espaço, do tempo e do “mundo vivido”. É o ensaio de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração com sua gênese psicológica e com as explicações causais que o sábio, o historiador ou o sociólogo podem fornecer dela (...).

4. A proposta para o ensino através do *blog* “Cantinho da Visibilidade Nativa”

Pensando na questão indígena e nas respostas dos questionários apresentados, foi criado um *blog* “Cantinho da visibilidade nativa” (Figura 14) onde já está sendo exposto materiais voltados para o ensino baseado em materiais reais de cunho científico, curiosidades culinárias e de utilidades farmacêuticas como plantas medicinais e usos tradicionais de comestíveis desses povos na tentativa de aumentar a perceptibilidade sobre esses povos em sua intrínseca relação com a mata valorizando sua cultura e possivelmente desmistificando tabus relacionados com esses povos e mostrar relações entre as sociedades.

O *blog* foi elaborado principalmente para os estudantes de ensino fundamental, médio e superior, pois são disseminadores para o restante da sociedade, além de que os mesmos estão na fase de aprendizagem em alto contato com os meios tecnológicos.

Foram elaborados materiais como mapas, figuras, textos de simples entendimento para expor fatos que aproximem as realidades entre indígenas e vidas urbanas e rurais, como curiosidades culinárias, plantas medicinais, linguagem, histórias e tradições. E permanecerá ativo na *internet* a fim de complementar cada vez o mais o trabalho inicial.

Figura 16: Captura de tela para prévia do *blog* “Cantinho da Visibilidade Nativa”

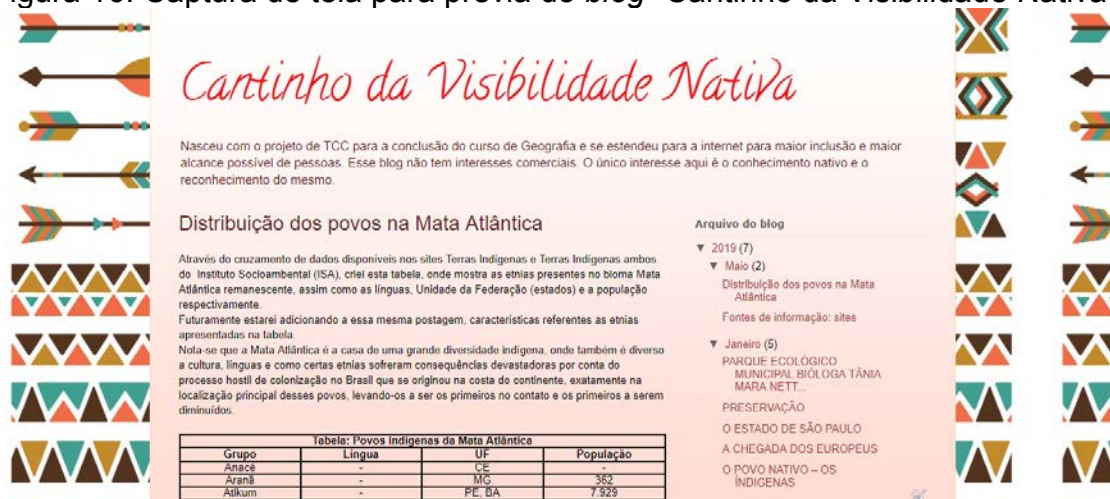


Figura 16: Fonte: *blog Cantinho da Visibilidade Nativa*. Disponível em: <https://www.cantinhodavisibilidadenativa.com/>. Acesso em 28 de maio de 2019.

O *Blog* tem como objetivos:

- Defender a identidade indígena, assim como sua cultura e demonstrar que há grandes benefícios no uso tecnológico para um conhecimento sobre esses povos vindos diretamente deles, assim reconhecer que o espaço cibernético pode oferecer diversas informações para a sociedade em geral para conscientização dos não-indígenas;
- Informar as sociedades não-indígenas sobre a realidade dos povos indígenas durante a história da colonização e a atualidade como resultado das grandes opressões, etnocídios e genocídios que se firmaram em cima dos povos indígenas no Brasil;

Até o dia 26 de maio de 2019, segundo as estatísticas feitas pelo *Blogger* mostrou que 72% dos acessos são via sistema operacional *Windows*, onde 55% utilizaram o navegador *Chrome*. E 59% dos visitantes são do Brasil, enquanto que 41% dos visitantes foram de outros países.

Portanto, aparenta-se um grande interesse em fontes de informações mais claras sobre o assunto, onde dá-se espaço para um *blog* informativo, onde disponha de conhecimento e além disso, pois através das respostas, de forma geral, sente-se falta de algo mais integrado, algo que traga notícias de forma direta, pois há uma distância grande e real entre as sociedades, como se fossem mundos diferentes.

Desenvolver o significado de indígena com a sociedade, uma vez que este se encontra em grande estado de vulnerabilidade social e precisa de políticas públicas, mas necessita também de reconhecimento e para isso acontecer é preciso clareza por parte da sociedade urbana e rural em relação aos povos nativos.

Desse modo, após a fase de montagem de materiais no *blog*, estamos mantê-lo ativo, prosseguindo e desenvolvendo temáticas cada vez mais para a própria população indígena se manifestar, contribuindo pessoalmente para que as relações entre indígena e tecnologia vá, cada vez mais, clareando a medida em que o contato com os materiais for se expandindo.

A partir da exposição dos materiais é feita a tentativa de esclarecer e valorizar o vínculo do indígena com a mata, na tentativa de também progredir o pensamento conservacionista da natureza e quebrar o estigma de que o indígena apesar de precisar e ter sua relação com a mata, foi ferido culturalmente e atualmente com a grande perda de seu território, povo, sabedoria, espaço e tradição também se utiliza da modernidade, em especial nas regiões sudeste, como no caso do Estado de São Paulo, onde teve mais de 80% da sua área devastada.

5. Conclusão

Como verificado em diversas respostas no questionário, há um interesse grande por parte dos entrevistados em obter notícias e ter contato com indígenas diretamente, como textos ou até mesmo entrevistas.

Como proposta futura, ficará reservado uma parte do *blog* para espaços diretos de indígenas, onde os mesmos poderão ter publicações (cânticos, poemas, poesias, músicas, tradições, esclarecimentos etc.) e também espaço para entrevistas em visitas futuras.

É preciso colocar em primeiro lugar a necessidade de estudos contínuos nesses ambientes protegidos pois sua existência está intrinsecamente ligada ao ser humano.

Em minha formação como geógrafa me permite observar algumas interações e relações entre as pessoas e o meio ambiente que por sua vez desperta percepções diferentes. Inclusive uma observação importante a partir do público que respondeu a pesquisa e os resultados é a possibilidade de resultados diferentes, se fosse escolhido uma maneira diferente de realizar a pesquisa. Algo que futuramente poderá ser feito em uma continuação do trabalho

A mata atlântica por si, era a casa de inúmeras etnias indígenas, onde sua relação com a natureza era de forma muito mais equilibrada do que a do homem europeu que durante pouco mais de 500 anos se apossou de todo o território cometendo atrocidades com as populações nativas.

A relação do indígena com a mata é diferente do indivíduo urbano ou rural. É sua subsistência, seu lugar, ao qual envolve uma série de simbolismos e significados.

Sem ceder ao romantismo, as questões sociais dentro da educação ambiental é um ponto de ruptura, onde nos leva a vários questionamentos em especial a natureza do ser humano. Mas é preciso levar em consideração que a desconstrução de estereótipos é algo demorado, especialmente no caso do indígena brasileiro que é uma questão de longa história e se sobressai por fazer parte da gênese da história do Brasil até o que conhecemos hoje.

A EA obriga-nos a um entendimento claro sobre a projeção dos homens em espaços terrestres, herdados da natureza e da história. O lugar de cada um nos espaços remanescentes de

uma natureza modificada; o lugar de cada um nos espaços sociais criados pelas condicionantes socioeconômicas. E, tempo suficiente, para pensar na harmonia ou nos desajustes entre as formas de ocupação dos solos rurais, face à oposição, dinâmica e tendência de crescimento das cidades (Ab'Saber, [entre 1924 - 2012]).²¹

A educação ambiental é um desafio que precisa ser levada mais a sério, especialmente no contexto político atual, onde existe uma grande desvalorização daquilo que nos remete a meio social e meio ambiente, algo que afeta em especial uma camada mais vulnerável, que depende de políticas públicas para existir e tem um histórico infeliz, com vitórias tardias em um sistema político e social de dominação.

Nos dias atuais, é necessário conhecer para valorizar nossa cultura, nossa biodiversidade brasileira e assim seguir comprometidos com nosso futuro, mais justo e sustentável.

²¹ EA: Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A. N. (Re)conceituando a Educação Ambiental. **AIPA - Associação Ituana de Proteção Ambiental**. Disponível em: <<http://aipa.mitotes.eco.br/ea-vale-a-pena.htm#reconceituando>>. Acesso em: 7 julho 2019.

DANTAS, T. V. P.; RIBEIRO, A. D. S. **Caracterização da vegetação do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe-Brasil**. 2. ed. Florianópolis: Biotemas, v. 32, 2010.

DIEGUES, A. C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

FUNAI. **Índios no Brasil: Terras Indígenas**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>>. Acesso em: 26 maio 2019.

FURTADO, A. et al. **Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável**. 4. ed. Recife: Cortez, 2003.

GUIDON, N.; DELIBRIAS, G. Carbon-14 dates point to man in the Americas 32,000 years ago. **Nature**, v. 321, n. 6071, p. 769 - 771, 1986.

HIGA, R. C. V.; STURION, J. A. Capacidade de brotação em subgêneros e espécies de Eucalyptus. In: _____ **Embrapa Florestas - Artigos em anais de congresso (ALICE)**. 30. ed. Piracicaba: Série técnica IPEF, v. 11, 1997. p. 23 - 30.

IBGE - INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Manual Técnico da Vegetação Brasileira. In: _____ **Série Manuais Técnicos em Geociências**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Instituto de Geografia e Estatística, 1992. p. 91.

ICMBIO - INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Ministério do Meio Ambiente, 2019. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/>>. Acesso em: 15 abril 2019.

ISA. Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 18 setembro 2018.

MAPA de Bioma e Vegetação. **IBGE - Instituto de Geografia e Estatística**, 2004. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>>. Acesso em: 20 maio 2019.

MARTINS, F. R.; BATALHA, M. A. Formas de vida, espectro biológico de Raunkiaer e fisionomia da vegetação. **Fitossociologia no Brasil. Métodos e estudos de caso**, Campinas, v. 1, p. 44 - 85, 2001.

PEREIRA, G. D. S. et al. Ecologia Histórica Guarani: as plantas utilizadas no Bioma Mata Atlântica do litoral sul de Santa Catarina, Brasil (Parte 1). **Cadernos LEPAARQ**, Santa Catarina, v. 13, n. 26, p. 197 - 246, 2016.

PINHEIRO, Niminon Suzel. **Vanuíre: Conquista, colonização e indigenismo: Oeste Paulista, 1912 - 1967**. 1999. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós - Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RISSO, L. C. Biosiversidade e cultura: estudo no caso na terra indígena Apurinã (Brasil). **Revista Entorno Geográfico**, n. 11, p. 30 - 45, Enero/Diciembre 2015.

RISSO, L. C. **Paisagem, cultura e desenvolvimento sustentável: um estudo da comunidade indígena apurinã**. UNESP. Rio Claro. 2005.

RISSO, L. C. **PARQUE ECOLÓGICO DE OURINHOS -SP: resultados da pesquisa, ensino e extensão do CENPEA/UNESP como subsídio ao ensino fundamental**. 1. ed. Ourinhos: Viena, 2011.

ROMARIZ, D. **Aspectos da Vegetação do Brasil**. Edição da autora. ed. [S.l.]: [s.n.], 1996.

SANTANA, I. V. F. D. et al. **A luta Anacé frente aos "impactos" industriais**. I Conferência Nacional de Políticas Públicas Contra a Pobreza e Desigualdade. Fortaleza: UFRN. 2010.

SCHWARCS, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.

SESAI - SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA. Ministério de Saúde. **Secretaria Especial de Saúde Indígena**. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/sesai>>. Acesso em: 20 maio 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

USP. Impactos ambientais causados pelo homem. **Instituto de Biociências**, 2009. Disponível em: <http://www.ib.usp.br/ecosteios/textos_educ/mata/impactos/impactos.htm>. Acesso em: 20 maio 2019.

VICTOR, M. A. M. et al. **Cem anos de devastação: revisitada 30 anos depois**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

WARREN, D. **A ferro e fogo. A história da devastação da Mata Atlântica brasileira.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

APÊNDICES

Apêndice A: Questionário utilizado virtualmente

OS POVOS INDÍGENAS DA MATA ATLÂNTICA: PROPOSTAS PARA O ENSINO

- 1) Nome:
- 2) Gênero: ☐ Feminino ☐ Masculino ☐ Trans. ☐ Prefiro não dizer
- 3) Faixa etária:
 - ☐ 18 - 25
 - ☐ 26 - 30
 - ☐ 31 - 35
 - ☐ 36 - 40
 - ☐ 41 ou mais
- 4) Cidade atual e estado:
- 5) Escolaridade:
 - ☐ Ensino fundamental incompleto
 - ☐ Ensino fundamental completo
 - ☐ Ensino médio incompleto
 - ☐ Ensino médio completo
 - ☐ Ensino médio incompleto
 - ☐ Ensino superior incompleto
 - ☐ Ensino superior completo
- 6) Na sua opinião, há relação entre povos nativos e mata atlântica?
 - ☐ Sim ☐ Não
 - 6.1) Justifique a resposta anterior, por favor.
- 7) O que você sabe sobre os povos indígenas do Brasil e do Estado de São Paulo?
- 8) Você sabe se existe povos indígenas no Estado de São Paulo?
 - ☐ Sim ☐ Não
 - 8.1) Justifique a resposta anterior, por favor.
- 9) Você tem curiosidade de aprender mais sobre os povos indígenas?
 - ☐ Sim ☐ Não
- 10) Se você respondeu sim na questão anterior, qual (is) assuntos gostaria de saber

Apêndice B: Quadros informativos didáticos para serem utilizados didaticamente disponível para download no *blog*

A HERANÇA INDÍGENA PARA A NOSSA SOCIEDADE

Com a miscigenação dos povos europeus e nativos, foram mesclados diversos aspectos culturais dos indígenas que já habitavam essas terras há tanto tempo e conheciam tão bem os aspectos da fauna e da flora.

Sendo assim, muitas espécies de plantas utilizadas hoje pelo Brasil afora são nativas e seu uso não é somente uma herança cultural importante, mas ainda é utilizada por esse povos para alimentação, para rituais, para medicina natural de cada povo em cada região.

Os Guarani, presentes no Estado de São Paulo e na extensão de mata atlântica, utilizam 5 grandes famílias taxonômicas em seu cotidiano. Alguns exemplos de espécies:

1. *Myrtaceae*: eucaliptos, jambo, pitanga, pimentas, cravinho-da-índia, jabuticaba, cambuí, goiaba entre muitos outros. Média de 3.000 espécies catalogadas.
2. *Fabaceae*: vagens, ervilhas, feijões, pau-brasil.
3. *Asteraceae*: alface, girassol, crisântemo, margarida, chicória.
4. *Lauraceae*: abacate, canforeira, canela, loureiro,
5. *Poaceae*: trigo, centeio, cevada, aveia, arroz, milho, cana-de-açúcar, bambu.



A CHEGADA DOS EUROPEUS



Ao chegar na costa do território que atualmente de Brasil, os portugueses se depararam com uma mata explorada sem devastação porém uma terra já habitada.

Como as condições sanitárias da Europa do século XV eram precárias, vieram também diversas doenças fatais aos povos nativos das américas que dizimou grande parte dos indígenas e se alastrou pelo território adentro.

Enquanto isso, o interesse dos europeus pela mata crescia e isso os levou a explorá-la, uma vez que esta parecia não ter fim.

No mapa a seguir, é possível ver a divisão do Brasil a partir dos seus biomas:





PRESERVAÇÃO



No mundo atual, onde grande parte de nossas fontes de recursos naturais estão sendo exauridas, ter áreas de preservação ambiental se faz muito importante para manter a manutenção climática, ambiental e social.

Uma forma de preservar o meio ambiente é preservar também territórios indígenas, uma vez que estes fazem o uso sustentável das áreas de mata e floresta, tirando não mais que o necessário para a vida que levam em suas aldeias.

Observe no mapa as Unidades de Conservação no Brasil:

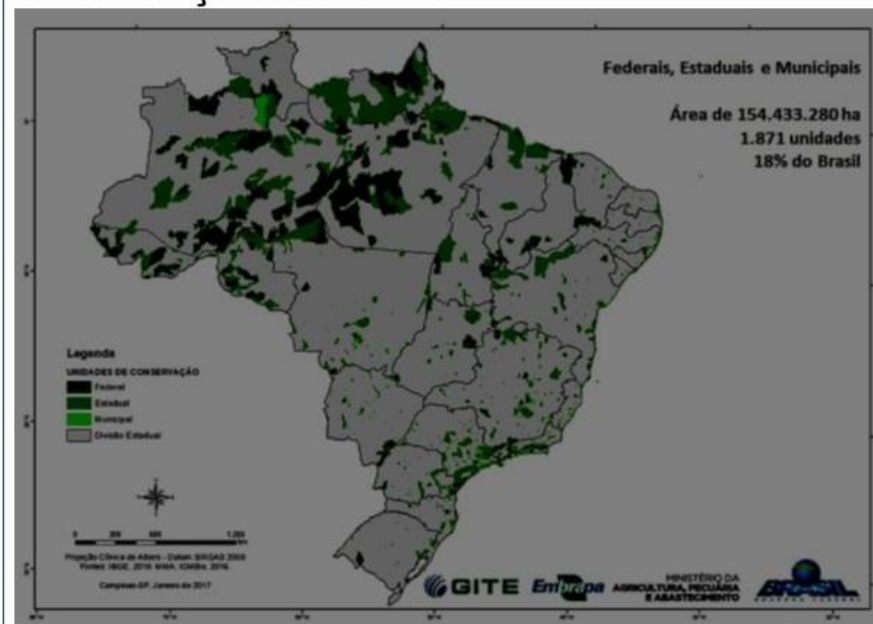


Imagem: IBGE

Os Guarani e a Mata Atlântica

A floresta ainda mantém uma rica biodiversidade. A mata Atlântica possui mais mil espécies de aves e 270 mamíferos, estando ainda em primeiro lugar na diversidade de árvores no mundo! O bioma é formado por diversos ecossistemas, como mangues, restingas (vegetação de praia) e florestas mais ou menos úmidas. Estima-se que haja hoje até **20 mil espécies de plantas!**



Comunidade Guarani Mbyá de Bracuí, em Angra dos Reis (RJ). Foto: Milton Guran, 1988.

As classificações dos Guarani Mbyá

- Os Guarani Mbyá, grandes conhecedores do ambiente em que vivem, nomearam toda essa variedade de formações vegetais e unidades de relevo. Alguns exemplos desses nomes são:
- *Yvy yvate* é como são chamados morros e serras;
- *Ka'agüy poru ey* são matas intocadas, lugares que os homens nunca mexeram e nem devem mexer, pois são lugares sagrados;
- *Ka'agüy karape'i* são as matas de capoeira, regiões de matas baixas, boas para roça e para fazer a casa;
- *Kapi'i* são as formações vegetais onde se encontram espécies boas para cobertura de casa, como o sapé.

Dar nome a algo é uma maneira de classificar, conhecer e de se relacionar com um certo elemento. No caso dos Guarani, isso mostra como é forte sua relação com o ambiente em que vivem.

Texto adaptado do site: Mirim Indianere Brasil. ISA



O POVO NATIVO – OS ÍNDIGENAS



Você sabia que a presença do homem no continente americano data 32 mil anos atrás?

Niede Guidon, uma pesquisadora franco-brasileira estuda sítios arqueológicos no Brasil durante grande parte de sua carreira e essa jornada a levou a grandes descobertas que envolvem a América do Sul inteira.

Há diversos sítios arqueológicos do tempo da pré-colonização que mostram que em toda a extensão da América Latina havia uma diversidade de povos em diferentes níveis de civilização, como os Maias e Astecas.

E no Brasil?

No Brasil atual, há 255 povos nativos e uma diversidade de 154 línguas e dialetos, sendo que na Mata Atlântica estão 30% (aproximadamente 14.137 km²) do total das terras. No estado de São Paulo, há 32 terras indígenas destinadas a conservação desses povos e suas áreas, assim como sua cultura.

Na época da colonização europeia, na América do Sul, os portugueses encontraram diversos grupos nativos ao longo da costa que na época era inteira regida de Mata Atlântica, esses indígenas eram principalmente do tronco linguístico Tupi e somavam mais de 1 milhão de índios divididos em diversas aldeias que variavam entre 300 e 2 mil habitantes.

Os Guarani e a Mata Atlântica

Os saberes Guarani

A **coleta** das diversas espécies vegetais é um exemplo desta relação. Conhecem as plantas que devem ser usadas para a **cura de doenças**, para a alimentação, construção de casa e produção de **artesanato**. Os telhados de suas casas são tradicionalmente construídos de **pindó**, uma palmeira típica das regiões que habitam.

Para preservar as espécies que utilizam na alimentação não caçam animais nos períodos de reprodução (quando estes têm filhotes) e fazem o **plantio** de algumas plantas consideradas importantes, como o milho, o amendoim, as mandioca, a batata-doce e o tabaco. Além disso, durante a visita a seus parentes, os Guarani aproveitam para trocar sementes e mudas a fim de impedir que várias espécies vegetais importantes na sua alimentação desapareçam, garantindo sua diversidade.

Os Guarani escolhem o lugar em que vão construir sua aldeia com muito cuidado, pois este ambiente deve proporcionar a eles os produtos necessários para a manutenção de seus modos de vida. Além das questões ambientais, questões religiosas e sociais também são importantes nesta escolha, pois o local deve permitir ao grupo uma vida de acordo com seus costumes e regras tradicionais.

Ameaça

Infelizmente o ambiente dos Guarani não está livre de destruição. Mesmo respeitando o tempo de reprodução de cada espécie para não acabar com os recursos que necessitam para viver, estes estão cada vez mais difíceis de encontrar. Isso é resultado da **ocupação** e do **desmatamento** que ocorrem ao redor das aldeias.

Não deixe de ler o texto abaixo, escrito pela comunidade guarani de Morro dos Cavalos para reivindicar a demarcação de suas terras.

“Tudo era livre e hoje está tudo sendo proibido para nós. Para fazer roça, como antigamente, nós já não podemos. Mas pelos menos esse pedaço de terra que estamos querendo demarcar tem que ser reconhecido, porque se tirarem de nós até esse pedacinho, não teremos mais nada. (...) Queremos a garantia da terra para viver nossa cultura com liberdade, cultivar nossa cultura, ensinar nossos filhos e nossos netos. Porque hoje em dia, com a falta de uma terra verdadeira para nós, não podemos viver nossa vida e nossa cultura (nhande reko) completamente”.(Relatório de Identificação, 2002)

Texto adaptado do site: Mirim Indianere Brasil. ISA

Povos nativos presentes no Estado de São Paulo

Guarani

Kaingang

Ñandeva

Krenak

Mbya

Pankararu

Terena

Retirado do site: Povos Indígenas no Brasil

Glossário

- Sustentabilidade: envolve atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as futuras gerações também satisfazerem suas necessidades. Baseia-se nos princípios: ser ecologicamente correto, ser economicamente viável, ser socialmente justo, ser culturalmente diverso. (Fonte: Brasil Escola)
- Áreas de transição: zona de um bioma a outro bioma que abrange características diversas e mescladas de ambos biomas.
- Subsistência: conjunto das coisas essenciais à manutenção da vida; sustento. (Fonte: Dicionário do Google)
- Taxonomia: ciência que lida com a descrição, identificação e classificação dos organismos, individualmente ou em grupo, quer englobando todos os grupos (biotaxonomia), quer se especializando em algum deles, como ocorre no caso da fitotaxonomia e da zootaxonomia. (Fonte: Dicionário do Google)
- Cultura [antropologia]: conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social. (Fonte: Dicionário do Google)
- Unidade de Conservação: **(UC)** é a denominação dada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) (Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000) às áreas naturais passíveis de proteção por suas características especiais. São "espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei" (art. 1º, I). (Fonte: site "O Eco")
- Exaurir: despejar(-se) até a última gota, esgotar(-se) inteiramente. (Fonte: Dicionário do Google)



**NÃO EXISTE ÍNDIO FALSO
E ÍNDIO VERDADEIRO**

Permanece no imaginário brasileiro a ideia de que o índio é aquele ser exótico, que anda nu e com o corpo pintado, usa cocar e vive da natureza. Passados mais de 500 anos de uma colonização pautada pela escravidão indígena, perseguição às crenças e culturas, aniquilamento das línguas e miscigenação forçada, essa imagem já não corresponde aos modos de vida de grande parte dos 300 povos indígenas brasileiros. Por isso, não existe "índio falso" e "índio verdadeiro". Todos os povos devem ser reconhecidos e respeitados.

**Pesquise
Conheça
Combata
o preconceito**

**Campanha
Abril
Indígena
2017**

Aldeia Pitaguapys © Mário Vieira/Fuocall



**O ÍNDIO NÃO É OBSTÁCULO
AO DESENVOLVIMENTO**

Não há desenvolvimento que se perpetue sem meio ambiente preservado. Os saberes ecológicos indígenas, desenvolvidos geração a geração, são tecnologias essenciais para a proteção das matas, dos animais silvestres, dos mananciais de água, do solo e do subsolo. O índio não atrapalha o desenvolvimento. Como guardião da biodiversidade, gera condições para que ele aconteça. A um só tempo, o índio torna possível a preservação e o desenvolvimento do Brasil.

Foto: Xingu 50 anos © Mário Vieira/Fuel

Pesquise
**Conheça
Combata**
o preconceito

Campanha
Abril
indígena
2017



Titiyo - Urunai © Mario Vilela/Funai

OS SABERES INDÍGENAS ENRIQUECEM O BRASIL

O Brasil, país com dimensões continentais, cinco biomas e mais de 300 povos indígenas com culturas e línguas próprias, esbanja diversidade e riqueza. Os indígenas desenvolveram, por milhares de anos, modos próprios de construção, de manejo, de melhoramentos de sementes, de medicina e outras tantas formas de saberes. Os diferentes costumes e tecnologias indígenas incorporados pela cultura brasileira tornam o país mais rico, mais diverso e mais plural.

Pesquise
**Conheça
Combata**
o preconceito

Campanha
Abril
indígena
2017